

Um Fantasma ronda o Mundo



No Partido dos Trabalhadores:

Virar à esquerda!

Reatar com o Socialismo!

págs. 8 e 9.

CRISE MUNDIAL

Demissões em massa no Brasil e no Mundo

PÁGINAS 4 e 5

HISTÓRIA

50 anos da revolução cubana

PÁGINA 16

FAIXA DE GAZA

Qual a saída para o conflito na Palestina

PÁGINA 12 e 13

VENEZUELA

Mais um referendo

PÁGINA 14

VIDREIROS

Sindicato se dirige à CUT propondo mobilizações

PÁGINA 2

VALE DO RIO DOCE

Trabalhadores marcham contra as demissões

PÁGINA 2

IMPERIALISMO

Obama assume e continua a política da Casa Branca

PÁGINA 3

FLASKÔ

Trabalhadores das fábricas ocupadas apontam o caminho

PÁGINA 6

CONCUT

Prossegue a discussão para colocar a Central a serviço dos trabalhadores

PÁGINA 7

MNS

Está convocada a 4ª Reunião Nacional

PÁGINA 10

EDITORIAL

A “marolinha” chegou. Feliz 2009, lutadores socialistas!

Engels tinha razão ao afirmar que o Estado é o Comitê Central dos negócios da burguesia. O mundo viu os ultra-liberais Bush, Gordon Brown, Merkel e Sarkozy protagonizarem um escandaloso festival de intervenção do Estado na economia transferindo trilhões de dólares dos cofres públicos para os maiores bancos e empresas do mundo. A maior empresa do mundo, a GM, e o maior Banco do mundo, o Bank of América, estão à beira da bancarrota total. Países inteiros, como a Islândia, quebraram. A “marolinha” virou crise e pode virar depressão econômica mundial.

Mais de dois milhões e meio de empregos perdidos nos EUA em 2008. No Brasil, só em dezembro, foram 654 mil. Um milhão de trabalhadores que perderam suas casas nos EUA esperam de Obama um milagre que ele não pode fazer mesmo se reza todo dia. A monstruosa crise de superprodução que ameaça o mundo foi gestada pelos próprios

mecanismos internos do capitalismo, como sempre. E foi adiada com as pirâmides de picaretagens financeiras e por bolhas de crédito assopradadas até a exaustão. Agora, a conta é apresentada ao povo e aos cofres públicos.

Mas, não há solução que não seja dolorosa para a classe trabalhadora. O Manifesto Comunista explica as maneiras que tem a burguesia para sair das crises econômicas: com a destruição massiva de forças produtivas (destruindo setores inteiros da economia, fusionando empresas e demitindo trabalhadores), com a conquista de novos mercados (acentuação da disputa inter-imperialista pelos mercados, onde a guerra é mera consequência) e a ampliação da exploração (contra-reformas, retirada de direitos, repressão e arrocho).

Esta é a música da FIESP, da Vale do Rio Doce, das Montadoras do ABC e de todos os empresários que estão pegando bilhões do BNDES para pagar demissões.

Enquanto o governo “reclama” que estes malvados não deveriam demitir mas não adota nenhuma medida real, milhões de trabalhadores já estão na rua da amargura. Tem razão a CUT de recusar discutir redução salarial e exigir medidas do governo. Mas, é preciso agir de fato e mobilizar.

O capitalismo não vai acabar sozinho. E se não acaba, ao final de um tempo ele se reconstrói sobre o sangue e o suor da classe trabalhadora. É preciso que milhões de proletários o derrubem e de um partido socialista revolucionário que o enterre. E nos momentos de crise econômica todas as mentiras dos capitalistas se desfazem no ar, tudo o que está escondido aparece.

O oxigênio do crescimento econômico desaparece e falta ar aos reformistas. Sua política que parecia “dar certo”, ser a “mais prudente e realista” se desmancha como um trapo e os operários se interrogam para onde estão sendo conduzidos por estes

senhores, que cada vez mais se parecem com seus próprios patrões. Os sindicatos se reativam, as lutas de rua reaparecem e as lutas econômicas se transformam em luta política de classe. A Greve Geral se insinua e se apresentará. É com seus métodos de classe que os operários vão se defender.

É nestas épocas tumultuosas que se constroem as correntes revolucionárias que vão mudar o mundo. Estudando, organizando e mobilizando. Explicando pacientemente aos operários e à juventude o significado da crise, suas origens e consequências, a saída dos capitalistas e a nossa, expropriação do capital e planificação da economia segundo os interesses do povo trabalhador e de toda a humanidade. É nestas épocas que, como dizia Karl Marx em carta a Friedrich Engels, comentando a crise de 1857, que “Nós finalmente temos a chance!”.

Feliz 2009!

ESQUERDA MARXISTA

Quem somos e pelo que lutamos

Somos socialistas, lutamos pela revolução. A Esquerda Marxista está ao lado dos trabalhadores e da juventude em suas batalhas do dia-a-dia rumo à sua emancipação. Juntos com os trabalhadores, ocupamos fábricas (Cipla, Interfibra, Flaskô e tantas outras). Na defesa dos postos de trabalho e direitos, desde 2002 construímos o Movimento das Fábricas Ocupadas na luta pela estatização sob controle operário, resistindo aos duros golpes, como a intervenção a mando do governo federal na Cipla e Interfibra.

Estamos com os trabalhadores rurais sem-terra e os sem-teto nas lutas por terra e moradia. Estamos nos sindicatos, na CUT, combatendo pelas reivindicações dos trabalhadores, contra os pelegos e os divisionistas. Impulsionamos o Movimento Negro Socialista, que tem papel destacado na luta contra o racismo e o racialismo – contra a divisão do povo trabalhador brasileiro em “raças”. E com a Juventude Revolução – organização de jovens da EM – estamos na luta da juventude por seus direitos e por um futuro digno, organizando a luta pelo passe-livre, por vagas para todos nas universidades públicas, pela estatização das escolas que recebem verbas do estado, pelo congelamento das mensalidades.

Somos uma corrente do Partido dos Trabalhadores que não se furta a combater a coalizão de Lula com a burguesia e a degeneração do partido; nos ligamos assim aos petistas que continuam fiéis à sua classe e que não se esqueceram dos motivos pelos quais o PT foi fundado.

Somos parte da Corrente Marxista Internacional (CMI), presente em dezenas de países de todo o mundo. Reafirmamos assim que nosso combate é internacional e baseado no trotskismo, expressão do marxismo após as traições da 2ª e da 3ª Internacional, no combate pela reconstrução da IV Internacional.

Na crise atual, somos aqueles que entendem que não existe saída na regulamentação ou desregulamentação do capital financeiro, na priorização ou não do capital “produtivo”. A única saída é a expropriação da burguesia, a estatização das fábricas e bancos sob controle operário, reforma agrária dando terra a quem nela vive e trabalha. Enfim, lutamos por uma sociedade que ponha fim à exploração do homem pelo homem, lutamos por um mundo sem guerras e sem miséria, um mundo livre das amarras capitalistas, um mundo socialista! Junte-se a nós nesse combate!

VIDREIROS

Carta aberta à comissão executiva da CUT nacional

Algumas lideranças sindicais, conscientes de seu papel na defesa da classe trabalhadora, já começam a se organizar para enfrentar a crise. É o caso da direção do Sindicato dos Vidreiros do Estado de São Paulo, que preparou uma carta aberta à Comissão Executiva da CUT Nacional. Reproduzimos abaixo trechos desse documento.

“

Companheiros, Nos últimos dias temos observado em todas as categorias que o acelerado desenvolvimento da crise toma a sua mais cruel forma: o aumento do desemprego e o arrocho salarial. Só no mês de dezembro foram 600 mil demissões (...). A resposta dos patrões: banco de horas, lay off, redução da jornada com redução de salários etc., ou seja, maior exploração dos trabalhadores. A posição

adotada pela CUT de não participar da badalada reunião na FIESP, na verdade uma armadilha criada pelos patrões para impor arrocho salarial e desemprego, tem nosso irrestrito apoio.

Companheiros,

A cada dia aumenta o número de empresas que protocolam em nosso sindicato pedidos para a abertura de “negociações” para retirar direitos (...) ou simplesmente nos comunicam decisão de demissões sempre em grandes números. Pelos informes de companheiros de

outros sindicatos parece ser a mesma realidade em todas as categorias (...)

Companheiros,

Temos consciência das enormes dificuldades que enfrentaremos, e é essa consciência que deve nos fortalecer e construir uma grande unidade de todos os setores da classe trabalhadora contra as demissões e o arrocho.

Por isso propomos desde já que a CUT se dirija à todas as centrais sindicais, à todas as entidades e movimentos que se reivindicam da defesa dos direitos dos trabalhadores (...) para a construção de Comitês Municipais de Luta em Defesa dos Empregos e dos Direitos. Construindo grandes manifestações como as que já têm tomado as ruas em São Bernardo, Itabira, São José dos Campos e muitas

outras, rumo a uma grande Jornada Nacional contra as demissões (...)

Companheiros,

(...) é chegada a hora de aumentarmos as mobilizações acumulando as forças necessárias para inclusive, se necessário, colocarmos na ordem do dia a GREVE GERAL em defesa do emprego e dos direitos.

De nossa parte, estaremos mobilizando e discutindo com os trabalhadores de nossa base, em cada fábrica e em cada local de trabalho, articulando junto com os sindicatos de base esta unidade.

Companheiros, chega de demissões!

Saudações cutistas de classe e de luta”.

Diretoria do Sindicato dos Vidreiros do Estado de São Paulo.

MINEIROS

Trabalhadores da Vale lutam em defesa do emprego e pela re-estatização

Uma mobilização inédita dos trabalhadores mineiros da Companhia Vale do Rio Doce, em Itabira (MG), paralisou a cidade em defesa dos empregos e pela re-estatização e chamou a atenção do país para o problema das demissões no setor.

A Frente em Defesa do Emprego e dos Municípios Mineradores - impulsionada pelo Sindicato Metabase de Itabira e Congonhas - convocou, para o dia 08/01, uma paralisação geral e uma série de atividades.

De madrugada, cerca de 350 manifestantes fizeram uma panfletagem na entrada da Mina Conceição. Uma delegação de trabalhadores da fábrica ocupada Flaskô e militantes da

Esquerda Marxista estiveram presentes na atividade. À tarde, houve apresentações artísticas em praça pública. Os servidores públicos municipais foram liberados do expediente às 13h para participarem do ato e o comércio fechou as portas às 16h. A cidade inteira parou para protestar contra as demissões. Afinal, cerca de 80% da arrecadação do município gira em torno da Vale. Espera-se que o governador Aécio Neves e o presidente Lula atendam uma comissão e tomem medidas para salvar os empregos. Por sua vez, o ministro de Minas e Energia, Edison Lobão, considerou “razoável” as decisões da Vale. É “razoável” demitir milhares de trabalhadores?

A Vale encerrou o ano de 2008 comunicando redução das atividades, demissões e férias coletivas. Mas apesar da queda no valor das ações e na demanda mundial por minérios, a Vale fechou o ano comemorando recordes de faturamento. O lucro líquido da empresa em 2008 ficou em mais de R\$ 20 bilhões.

Os cortes e o lucro estão relacionados. A empresa vai tentar, cada vez mais, cortar despesas para manter a valorização de seu capital, independentemente do que pode acontecer com os 62 mil trabalhadores que emprega pelo mundo. No final do ano passado, cerca de 1.300 demissões foram anunciadas, e outros 5.500 funcionários entraram em

férias coletivas. Só em Itabira foram quase dois mil demitidos (sendo 200 trabalhadores diretos e 1.800 terceirizados).

Mas a luta em defesa dos empregos continua. Os próprios sindicalistas da região não descartam a ideia de ocupar as minas para pressionar contra as demissões e pela re-estatização:

“Acompanhei a luta lá de Joinville, que levou os trabalhadores ao controle da empresa. É uma experiência que deve ser estudada, que pode ser viável essa saída também, aliada à política de re-estatização não só da Vale, mas também da Gerdau/Aço Minas e da própria CSN”, propõe Valério Vieira Santos, diretor do Metabase de Congonhas.

ASSINE LutadeClasses

Jornal da Esquerda Marxista • 12 N°s - R\$ 30,00
Pela reconstrução da 4ª • 12 N°s - R\$ 50,00
Internacional (solidário)

Peça sua assinatura por carta, telefone ou e-mail.
Rua Tabatinguera, 326 cj.11 - Centro - São Paulo, SP-CEP: 01020-000
Fone: (11)3101-8810 e-mail: contato@marxismo.org.br home: www.marxismo.org.br

IMPERIALISMO

Obama: uma nova forma para uma velha política

“Eu sou o presidente da Guerra”

(Bush)

“Nosso país está em guerra, contra uma ampla rede de violência e ódio”

(Discurso de posse de Obama)

Sim, a cara é muito diferente. O discurso é diferente. Um rosto negro, que todos saúdam como a concretização do sonho de Martin Luther King. Um homem que declara, ao tomar posse, que há 60 anos o seu pai não poderia ser servido no restaurante local, como um exemplo de que os EUA são a terra da liberdade e que de as mudanças melhoram a vida de todos.

Não faltou nem a copia do discurso de Lula: a esperança venceu o medo. E as primeiras medidas de Obama buscam, inclusive, diferenciar-se do governo anterior: ordena que todos os decretos de Bush sejam suspensos; que os julgamentos de Guantánamo sejam suspensos; assina decretos proibindo a tortura; e abre caminho para o fechamento da prisão de Guantánamo e de outras prisões fora dos EUA. Ao falar do Oriente Médio, acrescenta que é necessário o fim do bloqueio à faixa de Gaza. A Agência Nacional de Saúde permite o uso de células-troncos. Espera-se para os próximos dias a abertura de viagens e trocas particulares de dinheiro entre parentes cubanos nos EUA e em Cuba. Nova cara, novos gestos, frutos do terremoto político que o levou à presidência.

Mas, apesar da cara, o coração é duro como sempre. Obama diz que se deve a Deus a salvação dos EUA de um destino incerto. Não lembra, de alguma forma, o que Bush falava sobre as ordens de Deus?

Obama começou a sua era de relações internacionais com um telefonema para o Presidente da Autoridade Palestina, seguido de ligações para Israel, Egito e outros países do Oriente Médio. E comprometeu-se a fazer parar o contrabando de foguetes para o Hamas. Ou seja, começa ligando para os palestinos prometendo desarmá-los. Culpa o Hamas pela guerra, criminaliza os palestinos que foram expulsos de sua terra, jogados num gueto e impedidos de comerciar com o mundo. Durante o conflito, nem a população civil foi autorizada a sair da zona de guerra, com as fronteiras fechadas por Israel e, do outro lado, pelo Egito. Precisa ser mais claro sobre o que continua?

O novo secretário de Economia do EUA começa explicando que o valor da moeda da China está sendo mantido artificialmente baixo. Em outras palavras, a pressão sobre a China para que ela pague a crise aumenta.

A Crise e Obama

O discurso é bonito e, evidente, manter-se-á durante algum tempo. Mas por quanto tempo os trabalhadores aguentarão o desemprego? Afinal, Obama propõe criar ou manter 3 milhões de empregos em seu governo. Mas só no ano passado foram destruídos 2,6 milhões de empregos nos EUA. Então, em quatro anos, Obama está prometendo voltar à situação de janeiro de 2007, com só 400 mil empregos a mais... e quantos jovens terão entrado no mercado desde então?

Mas as empresas estão aumentando as demissões. A Sony anuncia prejuízo, a Nokia tem um queda de 70% nos seus lucros, a Samsung amarga prejuízo bilionário. Ou seja, a economia como um todo está afetada e não será simples



Dias antes da posse de Obama, seu slogan “Yes we can” (Sim nós podemos) é usado para exigir o fim da ocupação e do bloqueio na Palestina

“reconstruir”.

Obama faz a crônica do capitalismo em crise e não sabe como sair daí:

“Nossa economia está gravemente enfraquecida, consequência da ganância e da irresponsabilidade da parte de alguns, mas também de um fracasso coletivo nosso em fazer escolhas difíceis e em preparar o país para uma nova era. Lares foram perdidos; empregos eliminados; empresas fechadas. Nosso sistema de saúde é muito caro; nossas escolas reprovam muitos; e cada dia traz novas provas de que as formas como usamos a energia reforçam nossos adversários e ameaçam nosso planeta”.

Mas o capitalismo é exatamente a “ganância”, a busca do lucro acima de tudo. E a “irresponsabilidade” geralmente é reconhecida como “o dinamismo empresarial em busca de novos mercados e de novas formas de lucro”. Ou seja, o que Obama critica é justamente aquilo que torna o capitalismo o que ele é: um sistema baseado na concorrência entre donos de meio de produção privada que, ao buscarem o lucro (“ganância”), incorrem várias vezes em “irresponsabilidades” (ou seja, não conseguem os lucros esperados e são “punidos” pelo mercado por isso, com a quebra das empresas ou com a sua compra por outras mais “bem-aventuradas”).

Obama atinge o máximo do cinismo ao comentar o capitalismo:

“Nem é a pergunta diante

de nós se o mercado é uma força para o bem ou para o mal. Seu poder de gerar riqueza e expandir a liberdade não tem iguais, mas a crise nos lembrou de que, sem um olhar vigilante, o mercado pode sair de controle --e que um país não pode prosperar quando favorece apenas os prósperos”.

“Favorece apenas os prósperos”? Dos que trabalham árdua e honestamente? Mas nos últimos anos aconteceu justamente o contrário! A renda dos mais ricos aumentava e a dos mais pobres, nos EUA, diminuía. E o resultado foi que as pessoas viviam de crédito e se enredavam cada vez mais. E o crédito, tanto o público quanto privado, chegou à incrível marca de 250% do PIB dos EUA.

Isso é o capitalismo, nem bom nem mau, apenas é o seu âmago, frio, duro. E agora a casa caiu ... E agora Obama vem repetir a cantilena de controlar o capital quando todas as medidas governamentais estão levando cada vez mais à crise, cada vez mais ao desemprego, à diminuição da produção e à queda nos preços. E, claro, se os “prósperos” estão sofrendo e agora querem a “união” de todos, mais sofrem os “pobres”.

Um operário que perde o emprego perde tudo, perde inclusive a sua casa e os filhos passam fome. Já um empresário que engana milhares de pessoas com seu fundo fictício, que dá um golpe de 50 bilhões, fica “em prisão domi-

iliar” em sua mansão, com seus empregados e seu luxo. Já os operários dos EUA que perderam suas casas agora podem escolher entre viver em trailers ou viver nas ruas. Bela diferença. Bela liberdade...

O que Obama teme é a revolução. E por isso, no final do seu discurso, procura igualar o comunismo com o nazismo:

“Lembrem-se de que gerações anteriores derrotaram o fascismo e o comunismo não apenas com tanques e mísseis, mas com alianças vigorosas e convicções duradouras.”

Mas, o nazismo foi derrotado quando seu exército foi contido e derrotado em Stalingrado e Petrogrado, no berço da Revolução Russa, defendida por batalhões operários, enquanto Stálin se contorcía sem saber o que fazer em Moscou. O nazismo foi derrotado pela força da Revolução Russa e das novas relações sociais criadas, apesar de Stálin. Ele foi derrotado pelo comunismo.

E o comunismo foi derrotado pelo stalinismo, pela vergonhosa subordinação da direção do PC Russo ao capitalismo mundial, pelo papel dos partidos comunistas que seguraram a revolução na Europa após a guerra de 45 que, impedida de avançar e contida na “cortina de ferro”, esboroou-se, destruiu-se.

O medo atual da burguesia é medo do fantasma do comunismo. Teme a luta da classe operária que volta a ocupar fábricas nos EUA e na Europa. É por isso que Obama prega a união de todos, para evitar que os operários voltem seus olhos e corações para a única saída possível para esta crise: uma revolução socialista que varra todos estes hipócritas do poder e crie um mundo em que todos possam viver de acordo com o que necessitam.

DEMISSÕES EM MASSA

A crise mundial de superprodução capitalista não é uma “marolinha”

Muito se falou da redução da taxa de juros pelo Banco Central, dos mais R\$ 100 bilhões do BNDES em linhas de crédito ou da criação do polêmico Fundo Soberano do Brasil (que levantará R\$ 14,2 bilhões através do endividamento estatal - títulos da dívida mobiliária federal). Muito se falou da continuidade dos investimentos públicos e das obras do PAC, mas será que essas medidas podem reverter a crise?

Os trabalhadores imaginam que Lula está fazendo o possível para evitar o pior, mas todo esse pacote visa estimular a demanda (a produção industrial e o consumo), através da injeção de recursos públicos ou concessão de crédito e desoneração fiscal para o setor privado e são medidas muito parecidas com as que estão sendo usadas pelos principais governos do mundo e que não estão surtindo o efeito esperado.

Mas, por que tantos bilhões de reais e trilhões de dólares gastos até agora não

serviram para reaquecer a economia mundial ou não evitaram a onda de demissões no Brasil? Porque não se trata de uma crise de crédito, portanto, não pode ser resolvida com mais crédito! Diagnóstico errado, remédio pior! Os Estados burgueses usaram dinheiro público para tentar salvar o capitalismo de uma derrocada, comprometendo os gastos sociais em educação, saúde e previdência.

No início da crise, economistas e governantes pensavam que era uma queda do sistema financeiro - devido ao volume de capital especulativo - e que isso teria um efeito sobre a "economia real", mas depois de alguns trilhões e alguns ajustes (contra a classe trabalhadora), tudo voltaria ao "normal". Por isso, Lula falou que a crise no Brasil seria apenas uma "marolinha". Mas não se trata disso.

Trata-se de uma crise de superprodução capitalista

A crise financeira foi o primeiro anúncio de uma crise

ainda maior, a de superprodução capitalista. Em poucas linhas, isso significa que o capital acumulado durante anos, fruto da exploração da classe trabalhadora e que beneficiou apenas uma ínfima minoria de banqueiros, empresários e latifundiários, não tem mais como, nem onde se valorizar.

Houve uma superprodução de capital, portanto, de mercadorias e riquezas, que não têm para onde ir. Pode parecer um paradoxo, mas é assim que é o capitalismo: bilhões de pessoas passando dificuldades, enquanto trilhões de dólares se perdem.

Durante o último período de crescimento econômico, os banqueiros, empresários e latifundiários do agronegócio ganharam muito dinheiro, exigindo sacrifícios da classe trabalhadora. Agora, não adianta investir, pois não se conseguirá vender. A tendência é a taxa de lucro cair. Assim, a economia começa a retroceder e ameaça arrastar a humanidade para trás. E, pior, os que enriqueceram anteriormente, agora querem manter o capital de suas companhias a todo custo e, por isso, buscam transferir a conta da crise para os trabalhadores.

Medidas econômicas e sociais para sairmos da crise

Nessa crise, os trabalhadores estão preocupados com seus empregos, com os salários e direitos, com o nível de produção e o clima da empresa onde trabalham. E desejam, sinceramente, que a crise seja só uma “marolinha”, mas não é.

Por isso, para defender os interesses dos trabalhadores é preciso garantir estabilidade no emprego: nenhuma demissão! Que as empresas mostrem o lucro acumulado

Desemprego nos EUA, recessão na Europa e desaceleração da China

Desde julho de 2008, as agências de notícias contabilizaram 300 mil demissões somente nas principais companhias internacionais, sendo que 70 mil foram anunciadas apenas no dia 26/01: a segunda-feira do terror para os trabalhadores!

Nos EUA, 2,6 milhões de trabalhadores perderam seus empregos em 2008. É o maior número de desempregados desde a II Guerra Mundial. E os pedidos de seguro-desemprego não param de crescer, semana a semana. A taxa de desemprego está em 7,2%, a maior desde 1993.

Oficialmente, a União Europeia também está numa pior. O Reino Unido (que inclui Inglaterra, Irlanda e outros países), fechou 2008 com crescimento medíocre do PIB (0,7%), mas já faz dois trimestres que os índices estão negativos, ou seja, tecnicamente em recessão. A primeira desde 1991. A libra esterlina, moeda da Inglaterra, desvalorizou-se 10% em relação

ao dólar, mostrando a desconfiança geral na economia inglesa. Já a Alemanha estima queda no PIB em 2,5% para 2009. Na Espanha, a taxa de desemprego subiu para 14%.

Já a França anunciou mais uma injeção bilionária de euros nos bancos, mas o próprio Centro de Economia da Universidade de Sorbonne questionou: “o fato de que a concessão de crédito desabou não significa que os bancos não estejam dispostos a emprestar, mas que a demanda da indústria e das famílias está paralisada”.

A China, que para muitos economistas vulgares, salvaria o mundo da recessão, pisou no freio bruscamente. Ano passado, o crescimento do PIB ficou em 6,8%, a metade do alcançado em 2007. As importações recuaram 8,8% entre outubro e dezembro. As exportações brasileiras para lá, por exemplo, caíram 30% em novembro, afetando o setor de minérios, soja e outras matérias-primas.

dos últimos anos para que os trabalhadores decidam os rumos da companhia e façam os patrões pagarem pela crise!

Todas as empresas que se recusarem a mostrar as contas, que demitirem ou reduzirem salários e direitos, devem ser ocupadas e estatizadas sob controle dos trabalhadores! Os bancos e instituições financeiras, responsáveis pela farra da especulação nas bolsas de valores, devem pagar pela crise: devem ser expropriados e colocados a serviço de um plano econômico, elaborado pelos trabalhadores da indústria, da construção civil, do comércio, os servidores públicos e professores, camponeses e estudantes!

As privatizações devem

ser revertidas para que, enfim, todos os principais setores da economia sejam nacionalizados e integrados a um plano econômico-social. Além disso, a reforma agrária deve ser implantada, para que todos que querem terra possam trabalhar e reorganizar a agricultura para atender os interesses do povo.

No entanto, essas medidas são impossíveis de serem aplicadas, sem que o governo Lula enfrente os responsáveis pela crise: os capitalistas! É impossível governar para os trabalhadores, aliado com burgueses nos ministérios, no Banco Central, no Congresso, enfim, no comando político. É preciso tirá-los da frente para avançar, rumo ao socialismo!

Empresários provocam crise e agora querem reduzir nosso salário!

É incrível a cara de pau dos patrões! Paulo Skaf, presidente da FIESP (entidade patronal das indústrias de SP), apareceu nos canais de televisão propondo a redução da jornada de trabalho e dos salários para diminuir o número de demissões que, “inevitavelmente”, acontecem...

Os empresários ganharam rios de dinheiro nos últimos anos, exigindo horas extras e intensificando o ritmo de trabalho para bater recordes de faturamento e, agora que não conseguem mais valorizar o capital acumulado, demitem e vêm com essa história de reduzir os salários? Que eles paguem a conta da crise!

Já o presidente da Companhia Vale do Rio Doce,

Roger Agnelli, após demitir 1.300 trabalhadores e colocar 5.500 em férias coletivas; após fechar minas e diminuir a produção em suas unidades, quer reduzir o salário de todo mundo pela metade, “garantindo” o emprego até 31 de maio. Quer dizer, o trabalhador ficaria em casa, recebendo metade do salário até 31 de maio e depois, ninguém sabe o que pode acontecer! Na certa, haverá demissões e dificilmente o salário voltará ao normal!

É muita cara de pau para quem ganhou uma fortuna, após receber a empresa praticamente de graça com a privatização! É hora de re-estatizar a Vale, sob controle dos trabalhadores, para utilizarmos todo seu potencial em benefício do povo!

ORGANIZAR E MOBILIZAR

A crise se desenvolve no Brasil e os trabalhadores lutam em defesa do emprego

O presidente Lula havia afirmado que a crise no Brasil seria só uma 'marolinha', mas dados do próprio Ministério do Trabalho confirmam uma grande onda de demissões. Pesquisas oficiais também mostram queda na produção industrial e nas exportações.

Como ninguém mais se atreve a tapar o sol com a peneira, os capitalistas agora tentam jogar a crise nas costas dos trabalhadores. Porém, já há sinais de resistência, como a paralisação geral da cidade de Itabira (MG) em defesa dos empregos na Companhia Vale do Rio Doce (ver artigo em www.marxismo.org.br) ou a ocupação espontânea de uma fábrica em SP.

Recentemente, cerca de 120 metalúrgicos da Tyco Dinção receberam por telegrama o comunicado das demissões e, no dia seguinte, quando foram buscar explicações, encontraram os portões fechados. Foi a gota d'água! Porém, o arqui-pelego Sindicato dos Metalúrgicos de SP, ligado à Força Sindical, negociou as demissões com a empresa, desviando a luta pelos empregos em troca de migalhas. No entanto, isso mostra a disposição de resistir contra os patrões e a pressão da base sobre as próprias direções sindicais.

A CUT, por exemplo, lançou uma campanha contra a crise e convocou mobilizações pelo país. No ABC, cerca de 15 mil metalúrgicos marcharam para defender os empregos. Os dirigentes da CUT radicalizaram, no discurso, é claro. Enquanto falavam, corretamente, que é preciso defender o emprego, não aceitar retirada de direitos e redução de salários e que é preciso olhar o caixa das empresas

que demitem para todos verem o lucro acumulado no último período, por outro, na prática, apenas pressionaram o Banco Central para abaixar os juros, como se isso fosse resolver alguma coisa para os trabalhadores. Mas, ninguém pode negar que os operários foram mobilizados com palavras de ordem justas e, ao fazer isso, a CUT pode despertar uma força para além do que os dirigentes desejam (ver mais na matéria sobre a CUT).

Mais de 654 mil demitidos em um mês!

A classe trabalhadora e o povo brasileiro já começam a sentir na pele a crise econômica mundial gerada pelo sistema capitalista: em todas as grandes e médias cidades, em todos os polos industriais do país houve demissões. Milhares de trabalhadores perderam a única fonte de renda que dispunham: seus salários.

No total, 654.946 postos de trabalho foram eliminados em dezembro de 2008, segundo o CAGED (órgão ligado ao Ministério do Trabalho). No Sudeste foram 405 mil demissões (285 mil só em SP, 88 mil em MG). No Sul, ocorreram 105 mil (50 mil só no Paraná), no Nordeste foram 50 mil (15 mil na Bahia, mais de 8 mil em Pernambuco e quase 6 mil no Ceará) e no Norte, ocorreram 33 mil (sendo 13 mil no Amazonas e 11 mil no Pará).

Já por atividade econômica, o maior número de demissões foi registrado na indústria, com mais de 270 mil desligamentos, seguido por agricultura (134 mil) e serviços (117 mil). E quando o impacto dessas demissões na indústria se abater ainda mais sobre o restante da cadeia pro-

ductiva, o comércio e a arrecadação pública, o problema se multiplicará.

É verdade que em comparação com 2007, o ano de 2008 teve mais contratações do que demissões, o que ainda expressa o ciclo de crescimento econômico do período anterior. Porém, se a crise não for interrompida, a tímida recuperação de empregos dos últimos anos será perdida em pouco tempo. Afinal, a velocidade da crise é vertiginosa.

Em dezembro, a indústria paulista fechou 130 mil postos de trabalho. Os setores que mais demitiram foram os de máquinas para escritório e equipamentos de informática (29,5%), refino de petróleo, combustíveis nucleares e álcool (24,9%).

Deve-se levar em conta também o fato de que a taxa de desemprego no país sempre se manteve alta, mesmo com a geração de postos de trabalho de uns anos pra cá. No ano passado foi registrada a menor taxa de desemprego desde 2002, 7,9%, que representa, no entanto, quase dois milhões de trabalhadores desempregados. Isso de acordo com o IBGE, que não conta em suas estatísticas o desemprego oculto, ou seja, os trabalhadores que deixaram de procurar emprego fixo por fazerem 'bico' ou outro trabalho informal.

Produção industrial leva um tombo

Outro dado que confirma o desenvolvimento da crise no Brasil é a queda na produção industrial. Em novembro de 2008, considerando todas as regiões do país, a produção caiu 5,2%, a pior queda mensal desde 1995, "levando o patamar de produção a retornar ao nível próximo ao de

EFEITOS DA "MAROLINHA"



maio de 2007", informa o IBGE.

"A produção de novembro de 2008 ficou 6,2% abaixo da registrada em novembro de 2007, quebrando a sequência de 28 meses de crescimento nessa base de comparação, o que evidencia um aprofundamento do ritmo de queda da atividade e um alargamento do conjunto de segmentos com decréscimo de produção.

Esse resultado refletiu o comportamento negativo de 21 dos 27 ramos pesquisados e atingiu todas as categorias de uso. O desempenho da indústria de veículos automotores, com queda de 22,6%, foi o principal impacto no resultado global, seguido por máquinas e equipamentos (-11,9%), edição e impressão (-14,8%), indústrias extrativas (-10,9%) e metalurgia básica (-10,2%)".

Além disso, os indicadores da Fundação Getúlio Vargas (FGV) já apontam nova queda de novembro para dezembro na produção da indústria paulista, de 13,5%! Um tombo!

Outro dado importante: as exportações em dezembro caíram quase 3% em relação ao mesmo período de 2007. E

o cenário é sombrio. A recessão nos EUA, União Europeia e Japão e a desaceleração na China diminuem a demanda por produtos brasileiros, basicamente commodities (minérios, soja, laranja, álcool e outras mercadorias semimanufaturadas).

Esses números mostram o que todos já sabem: quando os EUA espirram, o Brasil pega uma gripe. No entanto, a crise mundial não é só um resfriado, portanto, o contágio pode ter efeitos terríveis sobre os trabalhadores. E não se cura um câncer com comprimido para dor de cabeça, por isso mesmo, a solução é o socialismo!

A burguesia, ao se apropriar da riqueza gerada pelos trabalhadores, ergueu uma montanha de capital, que não tem mais como, nem onde se valorizar, levando o mundo à crise. E essa classe de parasitas não consegue apresentar nenhuma saída, que não seja mais exploração e sofrimento.

Por isso, a humanidade deve ser governada pela classe trabalhadora: para expropriarmos os responsáveis pela crise e reorganizarmos a economia no interesse do povo, acabando de vez com o capitalismo.

Carta Aberta do Encontro Operário e Popular ao Presidente Lula e aos trabalhadores do Brasil

Reunidos no dia 13 de Dezembro de 2008, a convite dos trabalhadores da Flaskô e do Movimento das Fábricas Ocupadas, discutimos a situação que a classe trabalhadora atravessa. Constatamos que os mesmos acontecimentos que levaram em 2002/03 à ocupação e tomada da Cipla/Interfibra e da Flaskô pelos trabalhadores se reapresentam mais uma vez diante desta crise econômica organizada pelos capitalistas e seu regime baseado na propriedade privada dos grandes meios de produção. Mais uma vez os patrões querem que a classe trabalhadora pague a conta, com retirada de direitos, demissões, aumento da intensificação do trabalho e, finalmente, com o fechamento e a destruição das fábricas. Sugam o caldo e depois quando chega a crise cospem os trabalhadores como bagaço.

Na região de Campinas-SP, as demissões já ultrapassam 2.500 nas grandes empresas. E a previsão da Organização Internacional do Trabalho (OIT) é que deverá se chegar a 20 milhões de desempregados em todo o mundo (agora em Janeiro, a OIT já fala em 51 milhões de desempregados - nota do Editor do Jornal). No entanto a resistência da Flaskô,

fábrica até hoje controlada pelos trabalhadores, em Sumaré-SP, desde a crise de 2002/2003, mostra e faz refletir sobre o caminho a seguir. Este foi o caminho das ocupações na Venezuela, na Argentina, no Uruguai, Paraguai e Bolívia. E com a crise atual chegou aos EUA, em Dezembro, com a ocupação pelos trabalhadores da fábrica "República de Portas e Janelas". Por isso recebemos com entusiasmo a notícia da expropriação da fábrica ocupada na Argentina - IMPA - pela legislatura de Buenos Aires. Em todo o mundo a classe trabalhadora tenta defender seus empregos e abrir uma saída socialista para a crise capitalista.

Os trabalhadores não são responsáveis pela crise, pelo desemprego, pela miséria. Os patrões durante anos e anos tiveram lucros bilionários e quando vem a crise que eles mesmos causaram, não mais recolhem os impostos, nem os direitos trabalhistas ou previdenciários. Demitem os trabalhadores e quebram fraudulentamente ou fecham as empresas deixando os trabalhadores sem nada. Tentam ampliar a exploração.

Em 2002/2003 uma enorme crise levou a milhares de demissões e ao fechamento de



Manifestação em frente à DRT de São Paulo (09/2008)

milhares de fábricas pelo país. Os trabalhadores da Cipla e Interfibra - e em seguida da Flaskô - decidiram dar um basta. Ocuparam as fábricas e tomaram o controle retomando a produção sob o controle dos próprios operários e organizando o Movimento das Fábricas Ocupadas.

O Movimento das Fábricas Ocupadas mostrou que sem o parasitismo dos patrões era possível, na Cipla, reduzir a jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem redução dos salários, com o sábado livre. Dois anos depois os trabalhadores da Cipla reduziram a jornada de trabalho para 30 horas semanais, sem redução dos salários, e ampliaram os postos de trabalho. A cada vitória nas fábricas ocupadas os patrões de outras empresas se indignavam e se organizavam para atacar estas trincheiras das lutas dos trabalhadores no Brasil. Por isso, em 2007, o governo organizou uma intervenção na Cipla/Interfibra com 150 policiais federais armados para tomar a fábrica dos trabalhadores. Pensavam com isto acabar com a resistência dos trabalhadores e com o Movimento das Fábricas Ocupadas. Pretendiam acabar com uma situação insuportável para eles e se prevenir frente à crise econômica que já se anunciava.

Mas, ao contrário, a inter-

venção policial militar só ergueu mais alto a bandeira das fábricas ocupadas e sua luta contra as demissões, o fechamento de fábricas, a luta pela estatização das fábricas ocupadas sob controle operário. Trabalhadores e organizações operárias em todo o mundo saíram em apoio ao Movimento das Fábricas Ocupadas, em defesa da Cipla/Interfibra, e em defesa da Flaskô. A resistência do movimento operário foi tão forte que os operários da Flaskô conseguiram resistir a uma fraudulenta intervenção, resistiram por 40 dias com energia cortada e muitos outros ataques. E a fábrica segue aberta e produzindo, o que nos permite realizar este Encontro dentro da fábrica.

Hoje uma nova crise se apresenta e por toda parte a preocupação toma conta dos trabalhadores. Mas nossa classe não está derrotada, ao contrário. É a resistência que se afirma em todo o mundo. A classe trabalhadora tem o direito e a responsabilidade de se defender da destruição, da humilhação, e do sofrimento causado pelo desemprego. Como sempre afirmamos "cada fábrica fechada é um cemitério de postos de trabalho, onde é sepultada a esperança de uma vida digna". Por isso, presidente Lula, nós precisamos de medidas imediatas

de defesa da classe trabalhadora. Até agora foram bilhões e bilhões para os banqueiros e empresários e nada, além de palavras, em defesa real de nossos interesses.

Convidamos todos os trabalhadores e trabalhadoras, todos os sindicatos e organizações da classe trabalhadora a se reunir, discutir, organizar a resistência e a mobilização, unidos em defesa dos empregos e dos interesses imediatos e históricos dos trabalhadores porque, sim, há uma saída. E ela começa por não aceitar nenhuma demissão, nenhuma redução de salários e de direitos. Frente às ameaças patronais de demissão, fechamento, corte de direitos, é preciso organizar greves, manifestações e a ocupação das fábricas ameaçadas, exigindo que o governo Lula, eleito pelos trabalhadores, estatize as fábricas para garantir todos os empregos e evite a catástrofe social que os capitalistas organizaram.

• Um ataque contra um é um ataque contra todos!

• Nenhuma demissão! Defesa dos empregos e das nossas conquistas!

• Os capitalistas devem pagar pela crise!

• Fábrica quebrada é fábrica ocupada! Fábrica ocupada deve ser estatizada!

• Defender a Flaskô! Ocupar, resistir, produzir e estatizar!

Mesa do Encontro:

Pedro Santinho - Coordenador do Conselho de Fábrica da Flaskô, Serge Goulart - Coordenador do Movimento das Fábricas Ocupadas, Filipe - Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST), Carla - Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), Samuel Moreira - Associação dos Moradores da Vila Operária e Popular, Plínio - Sindicatos dos Ferroviários de Bauru, MT e MS, Marcela Moreira - Vereadora do PSOL Campinas, Raul Marcelo - Deputado Estadual do PSOL SP, Daniel - Diretório Central dos Estudantes da Unicamp, Sebastião Gonçalves - representante da Prefeitura de Sumaré/SP.



Plenário do Encontro (13/dez/2008)

A CENTRAL, A DIREÇÃO E A BASE

10º Concut: é hora de preparar os trabalhadores para a luta!

O ano de 2009 inicia com vários desafios. O principal deles é como enfrentar a crise capitalista, que atinge duramente a classe trabalhadora. As demissões aumentam e a direção da CUT parece não saber o que fazer. Enquanto a Força Sindical senta com os empresários para regatear e aceitar a redução de direitos, a CUT aguarda as medidas do governo Lula, que reclama que os empresários continuam demitindo, apesar da diminuição de impostos e propõe... mais diminuição de impostos! E sofrem os trabalhadores sem que se apresente um caminho nacional unificado para resistir.

Neste sentido, o 10º Congresso Nacional da CUT (Concut), a ser realizado em agosto deste ano, será fundamental para armar a Central e enfrentar a

destruição dos direitos dos trabalhadores. Sabemos dos ataques que a CUT tem sofrido, com a política de cooptação do movimento sindical adotada pelo governo, que quer impor, em troca do reconhecimento das centrais, a generalização do imposto sindical - ou da sua outra forma, a taxa negocial - e arrastar a entidade para um pacto social, através da participação de sua direção em conselhos tripartites com governo e empresários. Esta política tem levado à divisão do movimento, que é respaldada pelas posturas divisionistas do PSTU, PCdoB e PSOL, com a criação do Conlutas, da CTB, da Intersindical.

Temos que fazer um debate centrado no fortalecimento da CUT e da sua capacidade de organizar os trabalhadores, e na autonomia da central frente ao



Foto do último Concut, realizado em 2006

governo e patrões. Na luta pelas reivindicações e pelo socialismo. Há um vento revolucionário na América Latina que pode oxigenar os trabalhadores no combate por suas reivindicações. Não podemos admitir a continuidade dessa paralisia política. Devemos mudar o rumo da CUT na luta contra as demissões, organizando paralisações, ocupações de

fábrica e, se necessário, uma greve geral que mostre a força da classe trabalhadora e arranque as reivindicações.

Por isso as resoluções do próximo Concut devem preparar a Central para os desafios postos pela atual conjuntura política e econômica. A Esquerda Marxista apresenta desde já algumas de suas propostas:

- Estabilidade no emprego, estatização de toda empresa que demita;
- Reforma agrária já, terra para quem nela vive e trabalha;
- Ocupação das fábricas quebradas e luta pela estatização das mesmas;
- Contra todas as privatizações, re-estatização do que foi privatizado;
- Todo apoio à revolução venezuelana;
- Retirada das tropas brasileiras do Haiti;
- Em defesa do povo palestino, ruptura com os sionistas de Israel.
- Rompimento do governo Lula com os partidos capitalistas;
- Por um governo dos trabalhadores do campo e da cidade;
- Luta pelo Socialismo!

ENFRENTAR A CRISE

Reunião da Direção Nacional da CUT: o que fazer?

Entre os dias 04 e 05 de dezembro de 2008, a Direção Nacional da CUT se reuniu em Brasília para discutir os efeitos da crise econômica no Brasil e a jornada de lutas do próximo período. No primeiro dia, a reunião contou com a presença da ministra-chefe da Casa Civil

do Governo Lula, Sra. Dilma Rousseff. Durante a análise da conjuntura nacional e internacional, a ministra reconheceu que a situação é grave, mas afirmou que o governo está tomando providências para garantir os investimentos e assegurar a manutenção dos postos de trabalho.

Só que a ministra não explicou como essas medidas vão funcionar: 'não podemos baixar uma medida provisória dizendo: que fique o emprego como está. Se fosse assim, seria muito fácil'. Parece que o governo está decidido a percorrer um caminho mais difícil e contar com a 'consciência social' dos empresários... Ainda que isso, até agora, não

tenha garantido nenhum emprego para os trabalhadores.

Duas respostas da ministra chamaram a atenção. Diziam respeito à continuidade dos leilões de áreas petrolíferas e à privatização dos aeroportos. A ministra confirmou que essas medidas estão na pauta do governo, o que provocou a irritação da plateia. Assim, a CUT é confrontada a preparar a luta dos trabalhadores para garantir os seus direitos.

A direção fez um balanço positivo da 5ª Marcha da Classe Trabalhadora, realizada no dia 3 de dezembro, organizada pela CUT e outras centrais sindicais. Mas algumas intervenções exigiram uma mudança no seu formato. Já nas discussões sobre a situação política e a crise, todas as forças expressaram as suas opiniões. Naquele momento, os participantes eram informados pelos jornais das demissões na Vale e na Votorantim. A Esquerda Marxista entrevistou no debate e pro-



Debate com a ministra Dilma Rousseff durante a reunião da CUT

pôs que a Central exigisse do governo Lula uma medida provisória que proibisse as demissões. As empresas que descumprissem a lei deveriam ser punidas e/ou estatizadas. A proposta foi encaminhada para avaliação na Executiva da CUT.

Quando os trabalhadores elegeram Lula foi para que ele invertesse a lógica política dos governos anteriores. Por isso a CUT tem a responsabilidade de exigir do governo Federal medidas urgentes para evitar o desemprego. Mas é ne-

cessário que a Central organize a luta por essa reivindicação. Assim, a Esquerda Marxista propõe que todos os dirigentes sindicais dirijam uma nota à CUT Nacional apoiando a iniciativa de encaminhar ao presidente Lula a proposta de medida provisória para proibir as demissões. Enquanto isso a CUT tem que organizar a mobilização e a greve contra as demissões, a ocupação das empresas que ameaçam fechar, e articular isso num movimento nacional.



5ª Marcha da Classe Trabalhadora, em Brasília

— INICIANDO A DISCUSSÃO —

Virar à esquerda! Rea

O Diretório Nacional do PT convocou o PED (Processo de Eleições Diretas) das instâncias partidárias para 22 de novembro de 2009. Neste dia serão eleitas as direções zonais, municipais, estaduais e nacional do PT. Nesta mesma data os filiados do PT também elegerão os delegados para o 4º Congresso do PT. O principal ponto da pauta do Congresso nacional - e dos estaduais - será a definição do Programa de Governo para as eleições de 2010 e as respectivas candidaturas.

Com objetivo de abrir a discussão com todos os companheiros do partido, os militantes da Esquerda Marxista, corrente do PT, apresentam uma proposta de reorientação política do partido como base para uma Tese ao 4º Congresso do Partido dos Trabalhadores.

O PT nasceu das grandes lutas contra a ditadura militar e contra a exploração capitalista. Foi na luta pelo emprego, por aumento de salário, na luta pela terra, pela educação pública e gratuita, que se reuniram as imensas forças da classe trabalhadora do campo e da cidade para constituir o Partido dos Trabalhadores e a Central Única dos Trabalhadores, a CUT.

O PT em seu Manifesto de Fundação diz que as massas: “Não esperam mais que a conquista de seus interesses econômicos, sociais e políticos venha das elites dominantes. Organizam-se elas mesmas, para que a situação social e política seja a ferramenta da cons-

trução de uma sociedade que responda aos interesses dos trabalhadores e dos demais setores explorados pelo capitalismo”. E mais a frente afirma também: “O PT nasce da decisão dos explorados de lutar contra um sistema econômico e político que não pode resolver os seus problemas, pois só existe para beneficiar uma minoria de privilegiados.” (Manifesto de fundação do PT, 10/02/1980)

O PT enraizou-se na classe trabalhadora, reuniu a maioria de oprimidos e explorados e levantou-se como um gigante chegando à presidência do Brasil.

Desde então uma política apresentada como “realista e

prudente” foi implementada pelo governo Lula e sistematicamente apoiada pela maioria da Direção Nacional do partido. Esta política de continuidade da ordem econômica e financeira internacional, de gerenciamento do capitalismo e de remeter o socialismo para “o dia de São Nunca”, foi aplicada permanentemente ignorando todos os ensinamentos da história. Acreditaram que os capitalistas diziam a verdade: o socialismo estava morto e o capitalismo triunfante ergueria um mundo de consumo e de alegria para a maior parte da humanidade. Assim a maioria da direção do partido e o governo Lula engajaram-se abertamente numa política que buscava dar vida, embelezando o capitalismo. Como se fosse realmente possível melhorar a vida da classe trabalhadora progressivamente sob o regime capitalista.

Agora a casa caiu. É hora de ser realista de verdade ou o partido e a classe trabalhadora vão pagar muito caro com a crise econômica que se espalha pelo mundo.

Trilhões de dólares desapareceram como fumaça nas Bolsas. Empresas gigantes como a General Motors estão à beira da falência. Alguns dos maiores bancos do mundo faliram ou foram socorridos pelo Estado (EUA, Inglaterra, França, Alemanha). Os governantes que durante anos bradaram contra a intervenção do estado na economia agora estatizam bancos e empresas sem ficar vermelhos. Isto só

“É preciso romper a coalizão com a burguesia e seus partidos, no governo e no Congresso, e começar a governar no interesse do povo trabalhador do campo e da cidade.”

prova o que afirmou Friedrich Engels de que o Estado burguês é o Comitê Central dos negócios da burguesia. É uma máquina de guerra de defesa dos interesses e privilégios de uma classe social minoritária e parasitária da economia.

Em todos os lugares os governos se esforçam para salvar “A Economia”, mas o que fazem é apenas salvar alguns capitalistas, atirando dinheiro aos jorros no poço sem fundo da monstruosa crise mundial de superprodução, típica consequência da sobrevivência do capitalismo.

O governo brasileiro participa desse verdadeiro esforço mundial para salvar os pobres coitados dos banqueiros e especuladores e uma série de medidas é tomada para “estancar” a crise: liberação do depósito compulsório para os bancos, permissão para que Banco do Brasil e Caixa Econômica comprem outros bancos e empresas, ou injetem dinheiro assumindo participação minoritária em bancos privados, retirando impostos das gigantes multinacionais, liberando bilhões de reais para financiamentos subsidiados pelo BNDES, etc. Enfim, traduz-se para o “tupiniquim” as medidas adotadas nos países imperialistas – EUA, Inglaterra, Alemanha, etc.

O governo Lula, assim como a maioria da direção do nosso partido, não entendeu o que estava sendo preparado, não entende o que está acontecendo hoje e não sabe o que

fazer para sair da crise e dos perigos que ameaçam o partido e a classe trabalhadora. Sua orientação de adaptação ao capitalismo impede uma análise correta da situação e paralisa qualquer iniciativa real de saída do ponto de vista da classe trabalhadora. Hoje, todas as grandes correntes da direção do partido votam juntas as mesmas resoluções e apóiam a política do governo e suas alianças com a burguesia.

A Resolução Política aprovada no 3º Congresso do PT (2007) é clara sobre que perspectiva se move a maioria da direção do partido e o governo Lula: “Temos de criar o mercado interno que, com a integração da América Latina, dê dinamismo ao capitalismo brasileiro e promova outro tipo de reforma. A partir daí poderão surgir outros temas em discussão, aparentemente proibidos hoje, como a propriedade social e o caráter da empresa privada. Cria-se uma perspectiva socialista, e não só de reformas dentro do capitalismo” (3º Congresso do PT).

A prova de que não entendem e não sabem para onde ir: primeiro o “Brasil está blindado”, depois “isto é problema do Bush”, depois “a culpa é dos países ricos que não controlaram o mercado”, depois “o Brasil vai sentir só uma marolinha”. E finalmente o incrível pedido aos trabalhadores, no início de uma crise mundial e histórica: “... comprem, comprem para a indústria não parar”!

Quanta ciência e quanta previsão!

Finalmente a casa está caindo, com 654 mil demissões só em dezembro. A produção industrial caiu 2,8% em outubro, 5,2% em novembro e afunda em dezembro. A produção industrial no setor automobilístico caiu neste período 22,5% e o setor de mineração sentiu uma queda de outros



ptar com o socialismo!



22%. Mais de 15 bilhões de dólares já saíram da Bolsa de São Paulo e foram para casa. Outro tanto já saiu dos papéis do governo apesar da mais alta taxa de juro do mundo e também cruzaram a fronteira. O BC, que recebeu autonomia “de fato”, não baixa mais os juros porque sabe que se o fizer corre o risco de ver uma debandada do capital internacional, pois todos sabem que esta história de “fundamentos sólidos de nossa economia” é uma balela. O Brasil continua um país semi-industrializado, dominado e controlado economicamente pelo capital imperialista internacional. Não tem mercado interno de massas e nunca conquistou realmente soberania nacional frente à economia imperialista. Cresceu dependente e os últimos governos todos só fizeram aprofundar esta dependência.

O **Jornal Luta de Classes, da Esquerda Marxista**, já explicou inúmeras vezes que esta crise de superprodução estava sendo gestada e empurrada para frente com artifícios que a tornariam muito mais violenta quando chegasse. Por isso explicava o verdadeiro caráter do PAC, que nunca foi mais do que a humilhante tentativa de transformação do Brasil em uma imensa plataforma de exportação agro-mineral, ampliando a dependência brasileira.

(Veja em www.marxismo.org.br)

Longe de ajudar a industrializar e enriquecer o país, o PAC é apenas um esforço de incentivo às monoculturas e corredores de exportação de matérias primas a serviço dos grandes conglomerados internacionais. Os empregos gerados pelo PAC são do tipo que se cria num canteiro de obras de um edifício: Depois de pronto o prédio, um pedreiro vira zelador, outro porteiro e se acabaram os empregos.

Neste momento as demissões em massa já se estendem por todo o Brasil. Milhões de metalúrgicos, vidreiros, plásticos, ferroviários, todos os trabalhadores, estão sendo atingidos. As previsões de crescimento da economia brasileira, em 2009, vêm desabando de iniciais 5% para 4%, depois para 3% e já se fala em apenas 2%. Os que acreditaram e venderam a esperança de felicidade no capitalismo não se conformam que esta crise resultará em uma terrível depressão econômica mundial.

É incrível que a maioria dos dirigentes do PT se recuse a enxergar a catástrofe que se aproxima com uma economia que produz um PIB mundial de 50 trilhões de dólares e carrega nas costas uma montanha de papéis especulativos de 600 trilhões de dólares. A absoluta-

mente artificial extensão do crédito e a especulação financeira foram as drogas de que se alimentou este sistema de crises, de guerras e de miséria chamado capitalismo. Capital dinheiro em abundância, superprodução de capital, endividamento brutal da classe trabalhadora através de armadilhas de crédito como, por exemplo, o crédito consignado, têm como resultado uma crise que ameaça a humanidade. A crise de 1929 provocou a 2ª Guerra Mundial. Que sofrimentos terríveis mais esta crise vai trazer para homens e mulheres que trabalham o dia inteiro e que só desejam uma vida digna e um futuro para seus filhos?

É preciso romper a coalizão com a burguesia e seus partidos, no governo e no Congresso, e começar a governar no interesse do povo trabalhador do campo e da cidade. A atual coalizão defende os interesses dos capitalistas. A dita “base aliada”, que inclui até os partidos da ditadura militar, só é majoritária no Congresso quando interessa aos capitalistas. Nenhum projeto de real e direto interesse da classe trabalhadora passa por ela. É hora de romper com os inimigos da classe trabalhadora e governar convocando e apoiando-se na mobilização de milhões de trabalhadores em luta por seus próprios interesses.

É hora de explicar aos trabalhadores que o capitalismo traz a guerra e o sofrimento como a nuvem traz a tempestade. É hora de explicar para

milhões que a única saída é a estatização do mercado financeiro e de todas as grandes empresas capitalistas nacionais e internacionais, é o confisco de todos os latifúndios e sua entrega para os milhões de trabalhadores rurais sem-terra, uma ampla e imensa reforma agrária que acabe com a fome neste país. É preciso atender imediatamente todas as reivindicações populares tão sentidas. É preciso re-estatizar as empresas privatizadas, começando pela Cia. Vale do Rio Doce.

É nossa a tarefa de explicar que contra a anarquia e caos, contra as crises permanentes do regime da propriedade privada dos grandes meios de produção, contra as consequências de uma economia baseada na busca do lucro, a saída é a conquista de um regime baseado na propriedade coletiva e socialista. Um regime socialista com uma economia planificada segundo as necessidades e o interesse do povo

“Hoje, todas as grandes correntes da direção do partido votam juntas as mesmas resoluções e apóiam a política do governo e suas alianças com a burguesia.”

trabalhador e controlada democraticamente pelos trabalhadores.

É hora de ser realista, companheir@! É hora de ser revolucionário e socialista. É hora de virar à esquerda e reatar com a luta pelo socialismo!

Convidamos todos os

companheir@s filiados do PT a se juntar conosco na luta pelas idéias do socialismo verdadeiro, pelo programa operário e socialista capaz de abrir um caminho neste mundo de horror e dor que o capitalismo e sua sobrevivência impõem à maioria da

humanidade. É preciso rearticular e construir uma corrente de massas, verdadeiramente socialista, com uma orientação de independência de classe, contra a colaboração de classe e o reformismo. O PT precisa voltar a organizar e mobilizar a juventude e os trabalhadores na luta pelo socialismo. O governo do PT tem que apoiar claramente a revolução venezuelana e retirar as tropas do Haiti.

Por isso convidamos todos os companheir@s filiados do PT a se juntar ao nosso combate, enriquecer esta proposta de Tese com suas sugestões e organizar conosco uma chapa nacional, marxista e revolucionária para virar à esquerda. Vamos construir chapas em cada município, em cada zonal, em cada estado, para fazer ressurgir com a força que tem no interior de nosso partido, a voz do socialismo revolucionário, que está na origem da criação e força do Partido dos Trabalhadores.

“Que ninguém ouse duvidar da capacidade de luta da classe trabalhadora” é o que reafirmamos para todos os companheir@s. Inclusive para aqueles que já esqueceram o que disseram ou o que escreveram.

É hora de ser realista, companheir@! É hora de ser revolucionário e socialista.

É hora do PT virar à esquerda e reatar com a luta pelo socialismo!

Entre em contato. Contribua para a redação final e assine junto esta Tese. Convide outros companheir@s para construir esta chapa marxista revolucionária e reconduzir o PT para a esquerda, para junto das lutas da classe trabalhadora, para o socialismo. (contato@marxismo.org.br)

• AGRUPAR, ORGANIZAR

MNS convoca 4ª Reunião Nacional

“Nós, negros e socialistas, que lutamos contra o racismo, pela igualdade de todos e pelo fim da exploração de um homem pelo outro, portanto, pela abolição da propriedade privada dos grandes meios de produção, não podemos aceitar a proposta do ‘Estatuto da Igualdade Racial’. A história já nos mostrou que a divisão de uma nação em etnias, religiões, ‘raças’, só pode levar à desagregação e à guerra!”

Declaração da Reunião Nacional que constituiu o Movimento Negro Socialista (13/Maio/2006)

Em dezembro do ano passado, uma vez mais, deputados e senadores tentaram aprovar os projetos de lei de cotas raciais. O projeto determina a reserva, nas instituições de ensino superior federais, de 50% das vagas para os estudantes oriundos de escolas públicas, inserindo subcotas para negros e indígenas de acordo com os dados estatísticos do IBGE. O projeto, de autoria da deputada Nice Lobão (DEM), por pouco não foi aprovado no Senado pelas lideranças, sem discussão e votação nominal dos senadores. Caso tivesse sido aprovado desta forma, seguiria diretamente para sanção presidencial. A intervenção do MNS, junto com intelectuais que se opõem às leis raciais, foi crucial para impedir que isso acontecesse.

Hoje a luta contra as leis raciais - baseadas em concepções racialistas, que consideram a existência de 'diferentes raças humanas' - tem sido a principal batalha travada pelo MNS. A constituição do MNS, e o seu enraizamento entre militantes dos movimentos sociais, tem sido um instrumento importante para promover, no movimento operário, a luta contra o racismo e o debate sobre a verdadeira face dessas leis.

Porque lutamos contra as leis raciais?

A necessidade de acumulação por parte do Capital,

que impõe ao mundo o peso das suas crises, precisa mais do que nunca destruir as conquistas da classe operária. É o que gritam os economistas e intelectuais burgueses: “é necessário conter os gastos públicos”, “é fundamental flexibilizar a legislação trabalhista”, etc. Esse desmonte dos serviços públicos precisou encontrar suas contrapartidas ideológicas. A política de cotas surgiu como uma forma de 'compensar' as desigualdades, já que - como argumentam seus intelectuais, que defendem um corporativismo étnico 'pós-moderno' - a relação de classes não abrange as desigualdades raciais, de tal modo que a 'simples' superação da propriedade privada e da exploração do homem pelo homem, não implicaria na 'superação histórica' do racismo.

As derrotas sofridas pela classe trabalhadora mundial, a partir da segunda metade da década de 80, levaram muitos militantes e organizações tradicionais a abandonarem paulatinamente as perspectivas do marxismo revolucionário, cedendo espaço para que novos intelectuais de plantão turvassem ideologicamente as fronteiras que separam as classes sociais. Nesse contexto ideológico deprimente, as cotas começaram a ser aceitas pela esquerda e pelas ditas "minorias", com um argumento não muito novo: como a revolução não estava no horizonte, vincular o problema

ológica, constrangida pelas concepções burguesas.

A pouquíssima eficácia das cotas pode ser percebida pelos seus limites: elas não podem ser generalizadas na mesma extensão em que é universal a discriminação racial. A demagogia das “políticas afirmativas” é facilmente desvelada: elas apenas podem ser aplicadas em setores muito limitados, e não provocam qualquer alteração significativa nas relações entre as classes sociais. Infelizmente, a consequência mais séria dessas políticas é afastar seus militantes da luta revolucionária. Passam a defender as cotas

como uma ação “realista”, aquilo que é possível fazer “enquanto o socialismo não vem”!

Esses são argumentos que temos ouvido por parte das direções das organizações tradicionais e mesmo de organizações ultraesquerdistas. As “políticas afirmativas” partem de pressupostos rigorosamente in-

da por determinações de várias ordens, e não mais pela exploração de uma classe sobre a outra. Ou seja: cancelam o momento preponderante exercido pela produção do conteúdo material da riqueza social; removem a universalidade das determinações de classe da sociedade capitalista; parcelam os processos de exploração em distintos e autônomos momentos de “construção das diferenças”; e se fiam nas diferenças particulares, nos limites individuais, como as causas últimas do processo histórico. É simplesmente a recusa da existência da luta de classes e, por consequência, o abandono da luta pelo socialismo.

O combate levado pelo MNS e pela Esquerda Marxista busca manter a independência e as tradições do movimento operário, apoiado em uma análise marxista da sociedade, que entende que a luta dos explorados pela igualdade - pondo fim a todas as formas de opressão - só pode ser alcançada em numa sociedade sem classes, onde a propriedade privada dos grandes meios de produção seja abolida.

A 4ª Reunião Nacional, convocada para 10 de maio de 2009, em São Paulo, será um momento importante para um balanço das atividades do MNS nos últimos anos, avançando na construção de núcleos do MNS, na continuidade da luta contra o racismo e as leis raciais e na discussão sobre a fusão com a Esquerda Marxista.

O MNS convida, desde já, todos seus apoiadores e militantes para organizarem suas delegações, tendo atenção especial para a campanha financeira, pois diferentemente das ONGs, entusiastas das leis raciais, nossas atividades são financiadas por nossos apoiadores e ativistas.

SOCIALISTA

racial à superação do capitalismo conduziria ao imobilismo. A concepção subjacente é de um simplismo e de uma pobreza típicos do rebaixado espírito desse tempo: o embate político se viu reduzido aos limites institucionais, a ação transformadora, amarrada ao Estado de Direito, e a luta ide-

compatíveis com a concepção de mundo marxista. Primeiramente, defendem que, diferente do 'passado', a sociedade contemporânea seria mais 'complexa' (uma velada afirmação, que oculta a verdadeira postura de considerá-la essencialmente distinta). Hoje a sociedade seria multipolariza-

UNIVERSITÁRIOS

CONEB: por uma UNE socialista

Em Janeiro ocorreu o 12º Conselho Nacional de Entidades de Base (CONEB) da UNE (União Nacional dos Estudantes) em Salvador-BA. O conselho foi convocado para aprovar a proposta de Reforma Universitária da UNE e teve a participação de cerca de 6 mil jovens e 1.200 delegados de todos os estados do Brasil.

A Juventude Revolução participou do CONEB com uma tese concentrada na luta por vagas para todos na universidade pública, contra as privatizações nas federais, e que explicava a necessidade da UNE se dirigir ao governo, pressionando-o para tomar medidas em favor do povo, rumo à construção do socialismo como a única saída possível da crise, do ponto de vista dos interesses dos trabalhadores.

Infelizmente os espaços de discussões eram poucos e em salas pequenas que não suportavam a quantidade de estudantes presentes para a discussão, enquanto eram organizados verdadeiros shows do

lado de fora. Na verdade a maioria da direção da UNE parece ter medo de encarar discussões democráticas com os estudantes. Mesmo com as dificuldades organizacionais criadas pela direção de nossa entidade, os camaradas da JR entrevistaram vitoriosamente com duas mil cópias de sua tese e foi impressionante a quantidade de contatos, demonstrando que cada vez mais jovens se colocam a lutar contra o sistema capitalista e sua crise.

Os camaradas da JR explicaram que a crise está botando a nu a podridão desse sistema capitalista, que vive de crise em crise. Para os capitalistas superarem a crise precisam aumentar a exploração, ou seja, destruir as forças produtivas, retirando direitos, criando mais desemprego, cortando os gastos públicos, a começar pelo corte de verbas na educação!

O CONEB da UNE ainda aprovou a posição contrária aos leilões das áreas petrolíferas realizadas por Lula, em defesa de uma Petro-



Banca da JR no Coneb da UNE (Salvador - BA)

bras 100% estatal e com o monopólio da exploração do Pré-Sal. E ainda, os delegados presentes no CONEB da UNE aprovaram por unanimidade uma moção de apoio ao movimento das fábricas ocupadas do Brasil, que dizia: "A Ocupação de fábricas é um justo instrumento de luta dos trabalhadores em defesa de seus empregos e contra as crises e falências de fábricas, fruto da administração dos capitalistas (...) a UNE exige o fim da intervenção judicial nas fábricas CIPLA e Interfibra, em Joinville/SC (...). Apoiamos também a heróica luta dos trabalhadores da FLASKÔ, fábrica de Sumaré-Campinas/SP, que ainda hoje continua ocupada sob controle operário, mostrando a força e resistência

dos trabalhadores em defesa de seus empregos". As fábricas ocupadas nos mostram um exemplo de como defender os empregos que o sistema capitalista está destruindo: tomar a fábrica do patrão e lutar pela estatização.

Porém, o projeto de Reforma Universitária aprovado representa a defesa da privatização da Universidade Pública. A aprovação do projeto contou com a defesa de um "grupão" que reunia várias forças políticas: UJS (PCdoB), MR8 (PMDB), e Mudança, Kizomba/DS, CNB, e Articulação de Esquerda (todas correntes internas do PT), além de outros grupamentos. Um segundo grupo se formou em defesa da universidade pública e gratuita, constituindo uma

frente de oposição à direção majoritária da UNE. A frente era composta pela Juventude Revolução e por vários grupos do P-SOL, o PCB, PCR, e agrupamentos independentes.

Os camaradas da JR abriram uma discussão na oposição unificada explicando que a luta do movimento estudantil tem que ser de vagas para todos nas universidades públicas, essa é a bandeira de fundação da UNE. Se tivéssemos vagas para todos precisaríamos de cotas, de Prouni, de Fies? Não podemos lutar para dividir as vagas existentes como fazem as cotas, nossa luta tem que ser para ampliá-las.

A JR inicia desde já sua preparação ao Congresso da UNE com discussões nas universidades. O objetivo é formar grupos de discussões em torno da pré-tese da JR, centrada na defesa do combate pelo fim do capitalismo; pelo socialismo como a saída da crise e salvação dos empregos; batalha por um governo voltado para o povo e pelo fim do governo de coalizão com partidos de direita; e por vagas para todos na universidade pública. Entre em contato e organize a discussão e a luta na sua faculdade (www.revolucao.org).

SECUNDARISTAS

JR junto com a UBES na luta pelo fim do vestibular

Inicia-se no movimento estudantil secundarista a preparação de uma campanha pelo fim do vestibular, que deve ser aprovada no próximo Congresso da UBES (União Brasileira de Estudantes Secundaristas). Para a Juventude Revolução (JR – Organização de Jovens da Esquerda Marxista), essa campanha tem que ser organizada com força total por todos os estudantes, explicando que a única forma de por fim a esse sistema de seleção que deixa a gigantesca maioria dos jovens fora da universidade pública, é justamente dar vagas para todos na educação pública

superior.

A posição de alguns grupos do movimento estudantil e da direção da UBES, de criar um novo mecanismo de avaliação mais democrático, se não for acompanhado de medidas que garantam vagas a todos na universidade pública, na prática se tornará um novo funil, um novo vestibular.

É preciso explicar que outras posições que a UBES vem defendendo, como as cotas raciais nas universidades, o PROUNI e o FIES, vão contra a luta pelo fim do vestibular e não ajudam a conquistarmos vagas para todos à educação pública em todos os níveis.

JUVENTUDE DO PT

Retomar a luta pelo socialismo

Está previsto para março o Encontro Nacional dos Estudantes do PT, o ENEPT. O encontro acontecerá justo no momento em que parte da juventude perde seus empregos e outros milhares de jovens estão ameaçados de não ter onde trabalhar. O governo que há tempos diz que não tem dinheiro para o lazer, educação e cultura, agora despeja bilhões para tentar salvar alguns ricos da crise capitalista.

É hora de a juventude

petista levantar a bandeira da luta pelo socialismo, explicando que está provado com a crise que a posição da direção do PT de buscar construir uma política social no capitalismo, é inútil. É impossível melhorar um sistema que possui em sua natureza a exploração da juventude e dos trabalhadores através da apropriação privada dos meios de produção.

A juventude petista tem que afirmar: nós não pagaremos com desemprego, com perda de direitos e com mais

exploração a conta da crise capitalista. E exigir do companheiro Lula um giro à esquerda e a retomada da luta pela qual nosso partido foi fundado, por uma sociedade sem explorados e exploradores. E essa luta começa pelo fim da aliança de Lula com os partidos burgueses. É hora dos jovens petistas afirmarem que nossa luta é por vagas para todos na educação pública, por arte, cultura e diversão, por isso nossa saída para crise é enterrar o capitalismo e construir o socialismo.

Genocídio em Gaza

O ano de 2009 chegou trazendo cenas do mais puro horror. As imagens de bombas “inteligentes”, aviões e tanques israelenses destruindo e massacrando o já sofrido povo palestino de Gaza têm provocado uma profunda indignação em diversos cantos do mundo.

Alegando combater o Hamas, o exército israelense não poupou escolas, casas, mesquitas e a Universidade Islâmica de Gaza. Alegando combater o Hamas, Israel aplica uma verdadeira punição coletiva aos palestinos.

Não bastasse o bloqueio de Israel desde junho de 2007, que privou os palestinos de relações econômicas com o resto do mundo, permitindo apenas a entrada de uma escassa ajuda humanitária à região, agora assistimos ao assassinato de mais de 1200 pessoas dos quais quase um terço eram crianças. E evidentemente, além dos mortos e feridos, Israel tem tornado a vida de um milhão e meio de palestinos num verdadeiro inferno.

As atrocidades não têm limites. Médicos noruegueses em Gaza denunciam: “Há uma forte suspeita de que Gaza está sendo usada como laboratório de testes de novas ar-

mas” (FSP 13/11). No povoado de Zeitoun, no sudeste de Gaza, militares de Israel mandaram cerca de cento e dez civis se abrigarem numa casa. Vinte e quatro horas depois, o local foi atingido por três projéteis e trinta pessoas morreram.

Diante desse quadro é mais do que justo o manifesto assinado por dezenas de judeus ingleses contra o genocídio em Gaza: “Nós abaixo assinado somos todos de origem judaica. Quando vemos os corpos mortos e ensanguentados de pequenas crianças, o corte de água, eletricidade e comida, nos lembramos do cerco ao Gueto de Varsóvia” (The Guardian 10/1).

A hipocrisia dos governos

Venezuela e Bolívia, países que passam por uma conjuntura revolucionária, deram um bom exemplo rompendo relações diplomáticas com Israel, mesmo estando a bons milhares de quilômetros do Oriente Médio.

Mas foram exceções. A reação dos governos frente aos ataques é marcada por hipocrisia. Em primeiro lugar é necessário frisar a total falência da ONU. Não custa lembrar que em 1991, após a invasão do Kuwait pelo Ira-

que, não apenas a ONU endossou e sustentou a primeira Guerra do Golfo como impôs um brutal embargo econômico sobre os iraquianos. Agora, diante dos ataques à Gaza, a ONU se limita a condenações verbais totalmente inócuas. Diga-se de passagem, que inúmeras outras condenações e exigências feitas a Israel nas últimas décadas jamais foram cumpridas.

Os interesses dos imperialistas e de seus aliados dão cobertura ao governo israelense. Ao mesmo tempo em que alguns dirigentes europeus criticam brandamente Israel, a União Europeia prossegue negociando a integração do país ao seu mercado único. Os EUA – que continuaram mandando armas a Israel mesmo durante o conflito – reafirma sua posição de apoio incondicional à Telavive. Bush e Condoliza Rice se unem a Israel imputando ao Hamas a responsabilidade única sobre o conflito. Barack Obama, por sua vez, indicou seu compromisso total com Israel, reafirmando uma declaração sua de julho de 2008: “se alguém estivesse enviando foguetes na minha casa onde minhas duas filhas dormem à noite, eu faria tudo em meu alcance para parar com isso. E esperaria que os israelenses fizessem o mesmo.”

Tanto o governo egípcio como a Autoridade Nacional Palestina (ANP), dirigida por Mahmoud Abbas, tentam em vão esconder das massas árabes sua colaboração com Israel. Na semana que precedeu aos ataques, o Egito recebia a ministra israelense Tzipi Livni para conversas. Ao mesmo tempo, o governo egípcio participou do bloqueio recente à Gaza. Nada estranho para um país que é o segundo maior receptor de ajuda militar dos



Judeus ortodoxos contra o Estado de Israel

EUA, perdendo apenas para Israel.

Abbas, mesmo se em palavras ataca o governo de Israel, deu declarações que atribuem ao Hamas uma parcela igual de responsabilidade pelo conflito. Mais grave ainda, as forças de segurança da ANP tem reprimido manifestações contra Israel e estão prendendo vários partidários do Hamas na Cisjordânia.

Teriam o Hamas e Israel a mesma responsabilidade?

Igualar a responsabilidade entre Israel e Hamas, ideia que tem sido propagada por políticos do mundo inteiro que se dizem “imparciais” é absolutamente falsa.

Dizemos isto não apenas pelo fato de que os o povo de Gaza enfrenta um dos exérci-

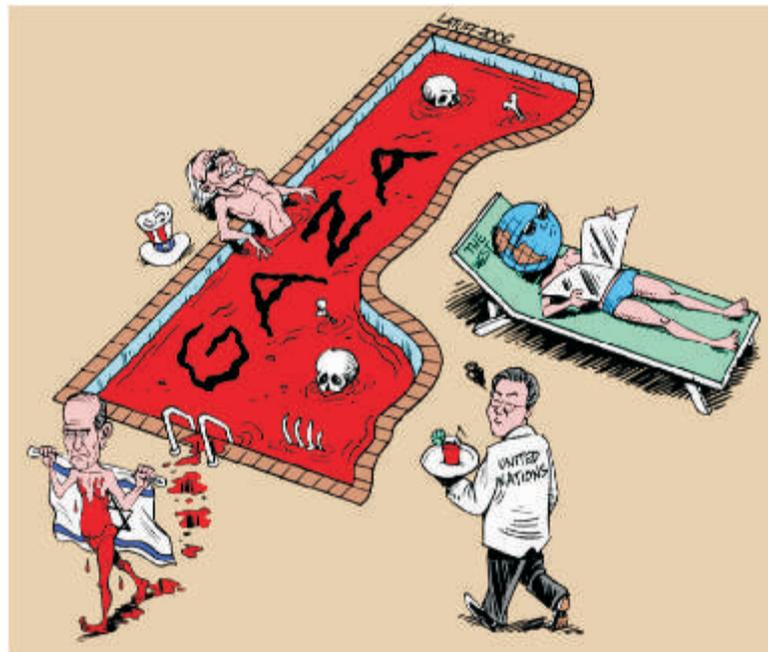
tos mais bem armados do mundo, e porque o número de mortos palestinos é cem vezes maior que o de israelenses.

Igualar Hamas a Israel é simplesmente ignorar 60 anos de ocupação e opressão sobre os palestinos. Expulsos de suas terras, refugiados, atacados por Israel e traídos pelos países árabes, os palestinos buscam desesperadamente resistir. Somente ignorando totalmente a história é possível confundir os opressores com os oprimidos no conflito.

Em 2005, quando Israel desmantelou as colônias judaicas e retirou seu exército da faixa de Gaza, muitos - por ingenuidade ou má fé - disseram que a paz se aproximava. Entretanto, desde a vitória do Hamas nas eleições palestinas em 2006, Israel tem buscado a todo custo desestabilizar o



Intifada Palestina



CONTINUANDO...

Hamas, nem que para isso precise atacar o povo palestino como um todo. Quando Israel percebeu que o Fatah perdeu completamente o controle de Gaza para o Hamas em 2007, foi iniciado o bloqueio às fronteiras. A presente guerra, portanto, vem sendo preparada há muito tempo e os débeis foguetes Qassam enviados pelo Hamas a Israel são meros pretextos.

O Hamas tem crescido em influência nos últimos anos justamente em função da corrupção e da colaboração com Israel por parte do Fatah de Abbas, que dirige a ANP e controla a Cisjordânia. Isso quer dizer que a política do Hamas deve ser apoiada? Absolutamente. Se de um lado a resistência palestina ao opressor merece sim todo o apoio, nem por isso podemos nos eximir de criticar os líderes do Hamas.

Tal crítica é necessária não apenas porque o Hamas usa o islamismo como plataforma política - e nesse sentido são complementares aos sionistas que usam o judaísmo com o mesmo intuito. Uma das primeiras ações do Hamas, quando tomou posse de Gaza, foi reprimir os sindicatos palestinos. Em vez de estimular a auto-organização e o armamento do povo palestino, sua tática se limitou a lançar foguetes contra civis israelenses...

Os objetivos de Israel

Quais os objetivos de Israel? Debilitar o Hamas. Apavorar os palestinos não apenas em Gaza, mas também na Cisjordânia, buscando impedir que estes últimos tomem o caminho da resistência. Manter seus interesses econômicos de terra, água e força de trabalho sobre os territórios palestinos.

Para que Israel consiga o apoio dos israelenses é necessária uma intensa propaganda sobre as ameaças dos grupos árabes - sendo elas verda-

deiras ou falsas. Mesmo se o Hamas provocou poucas mortes aos civis de Israel, lançar foguetes sobre Sderot - cidade operária e pobre habitada por imigrantes judeus dos países muçulmanos - é de extrema ajuda à classe dominante sionista.

É verdade também que as eleições em Israel foram um fator importante para a atual guerra. Mas isso é apenas parte do problema. É importante frisar que o atual conflito visa também recuperar o prestígio da desmoralizada elite de Israel. Escândalos de corrupção envolveram nos últimos anos a família de Ariel Sharon e o ex-presidente Moshe Katsav. A humilhante derrota em 2006 para o Hezbollah no Líbano debilitou a imagem do Exército. A economia não vai nada bem - 20% dos jovens israelenses estão desempregados e mais de 20% da população vive abaixo da linha da pobreza, a despeito dos bilhões de dólares de ajuda dos EUA.

Ou seja, busca-se recuperar a unidade nacional e o apoio à corrupta elite sionista através do ódio nacionalista. O clima chauvinista que se busca impor é tão grande que no dia 12/01 o Parlamento israelense proibiu a participação, nas próximas eleições, de dois partidos que represen-



Ação em solidariedade aos jovens soldados israelenses que foram presos por se negarem a ir para a guerra (Tel-Aviv)



Ataques aéreos na Faixa de Gaza

tam os árabes que vivem em Israel, sob a acusação de apoio a grupos terroristas.

Por uma saída revolucionária e socialista no Oriente Médio

Independentemente dos desdobramentos da guerra, a política assassina de Israel só pode no longo prazo enfraquecê-lo perante os povos.

Num contexto de crise econômica mundial, a causa palestina motoriza o ódio de trabalhadores e jovens contra o imperialismo que empurra o mundo à barbárie.

Centenas de milhares de manifestantes protestaram contra o genocídio nas principais cidades da Europa e das Américas. Em Telavive, mesmo com as enormes pressões do governo sionista - ver Box - milhares de judeus e árabes também se manifestaram.

Ao mesmo tempo é uma ilusão achar que o Hamas será exterminado, e mais ainda acreditar que a resistência palestina cessará com os ataques. Entretanto, os métodos do Hamas pouco servirão para uma solução positiva ao conflito. Tal solução só pode ser encontrada na resistência das massas do Oriente Médio, que têm protagonizado massivas manifestações em diferentes países.

A revista burguesa The Economist, na sua última edi-

ção dedicada a Gaza, captou com precisão o que está em jogo: "A menos que a corrente furiosa dos protestos de rua acenda uma revolução na região que amedronte Israel e seus amigos, o Hamas ainda vai ter de encarar a dura escolha de se enfrentar com um imensamente maior e igualmente determinado inimigo".

Nós acrescentaríamos que, não apenas Israel e seus amigos, mas também os demais regimes árabes temem profundamente uma explosão revolucionária. A mobilização revolucionária das massas pode abrir uma saída real. Uma saída que garanta um Estado laico em toda a Palestina, que garanta o direito de retorno dos refugiados palestinos, bem como os direitos de plena cidadania para judeus e árabes. Uma saída que aponte para a perspectiva de uma federação socialista dos povos do Oriente Médio.

Soldados Israelenses se recusam a reprimir palestinos

O Exército é uma instituição chave do Estado de Israel. A partir dos 18 anos de idade, os homens têm de servir o Exército três anos e as mulheres, dois. Recusar o serviço militar é considerado um dos piores crimes pelo governo, e resulta em prisão sob acusação de traição nacional.

Desde a segunda Intifada palestina em 2000, cerca de 500 oficiais do Exército deserdaram por razões declaradamente políticas - leia-se se recusaram a praticar a política de opressão sobre o povo palestino.

Em janeiro de 2003, um manifesto com 600 adesões de soldados causou grande polêmica em Israel, por defender o ponto de vista daqueles que eram presos. Desde então um movimento conhecido como refusenik começou a ser organizado.

No final do ano passado,

no contexto do acirramento das tensões em Gaza, um grupo de estudantes - chamados de shiminstim, que quer dizer secundaristas em hebraico - lançou um novo movimento chamado "objeção de consciência", em defesa do abandono do exército por parte dos soldados.

Quatro destes jovens foram presos e lançaram um apelo internacional pela sua libertação. No vídeo que circula no YouTube, eles justificam seu abandono do exército e fazem uma contundente denúncia da política de ocupação e repressão israelenses. Ao mesmo tempo, eles solicitam o envio de cartas ao Ministério de Defesa de Israel como forma de pressão para a sua absolvição. O vídeo pode ser visto no link <http://www.youtube.com/watch?v=250IfMhMPf0>

Somos todos palestinos!
Somos todos shiminstin!

VENEZUELA

Expropriação é a saída para vencer o referendo sobre a re-eleição

ALEXANDRE MANDL

As recentes eleições regionais da Venezuela demonstraram que a imensa maioria da população apoia o processo revolucionário rumo ao socialismo. Isto ficou demonstrado com a recuperação de um milhão de votos em relação ao Referendo Constitucional. Mas também refletiram, como dissemos há um ano, que uma parte importante da população (dois milhões de votos), que optou pelo socialismo nas eleições presidenciais de 2006, está cansada de discursos e quer saber de fatos. A abstenção de um setor importante do chavismo, fruto do descontentamento com a burocracia, é um sinal de alarme, e reflete o perigo da extensão da apatia e descrédito numa parcela significativa das massas. Para combater este risco, é necessário tomar medidas decisivas contra o capitalismo, resolvendo os problemas que atacam a realidade do povo.

Sabemos que a oposição está juntando todas as suas armas para atacar o movimento revolucionário. Os governos e as prefeituras que foram ganhos pela oposição, estão servindo a uma ofensiva reacionária contra a revolução. Verificam-se ataques de fascistas - com apoio das polícias - contra as Missões, Casas do Poder Popular, médicos cubanos, Conselhos Comunitários, e todas as demais conquistas populares, naquelas regiões onde ganhou a oligarquia.

Sem dúvida, surge uma nova fase do período revolucionário, marcada pelo maior enfrentamento entre revolução e contrarrevolução e, ao mesmo tempo, por uma maior



polarização, dentro do movimento bolivariano, entre reformismo e revolução. A profunda crise do capitalismo mundial, que já vem afetando a Venezuela (e a afetará em cheio, caso não sejam construídas alternativas à forte dependência do petróleo), aumentará todas estas contradições.

Os desafios são grandes. Mais do que nunca é necessário que os operários, a juventude revolucionária, os camponeses e os dirigentes populares - forças vivas da sociedade - adotem um programa marxista, que permita brigar efetivamente contra a burocracia e faça do Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV) uma ferramenta autêntica para acabar com o capitalismo de uma vez por todas, e começar a edificação de uma sociedade socialista.

Referendo sobre re-eleição

Da mesma forma, volta a surgir o debate sobre a re-eleição presidencial. Nossas camaradas da Corrente Marxista Revolucionária, seção da CMI na Venezuela, participam do debate e da campanha pela re-eleição de Chávez, junto às massas, com o programa do

marxismo revolucionário e combatendo as propostas reformistas. A posição era clara: não deixar a burguesia retornar à Presidência!

A melhor campanha para a vitória da emenda da re-eleição presidencial é que, ao mesmo tempo em que se fazem os debates, se tome as medidas para acabar com o capitalismo. Qual é o melhor meio de garantir a re-eleição: simplesmente recuperar os votos ou expropriar os principais setores da economia - que estão nas mãos dos capitalistas e que são usados para financiar o fascismo? Tem que ser explicado às massas, pacientemente, que deve ser tratada a expropriação da grande indústria, dos bancos e dos latifundiários, para construir a planificação da economia.

Assim, para debater a re-eleição, temos que apontar para uma questão mais profunda. Que a tarefa é polarizar com a oligarquia. A vontade operária é soberana. Esta é a democracia revolucionária! A classe trabalhadora organizada é quem deve definir quem será seu candidato, seja quantas vezes for necessário para consolidar o projeto revolucionário e, também, que o man-

dato possa ser revogado a qualquer momento pelos trabalhadores.

Um fator a ser levado em conta é a mudança no projeto inicial da re-eleição que, além da cadeira presidencial, foi estendido aos demais cargos eletivos, como governadores e prefeitos. O interessante a observar é que essa alteração foi conseguida com a estreita colaboração de setores da burocracia com a burguesia, em uma linha política de conciliação e de acomodação dos interesses dessa classe. É preciso acompanhar o desenrolar desse movimento.

E a crise do capitalismo na Venezuela?

Como já havíamos salientado, a crise econômica internacional terá repercussões na Venezuela. A queda das commodities arrasta também os preços do petróleo. Será a cada vez mais difícil cobrir com a renda petroleira a histórica falta de insumos para o mercado interno venezuelano, ainda mais pressionado pelo boicote de investimentos da burguesia. O único modo de desenvolver a produção nacional é a classe trabalhadora tomar o controle de todas as empresas do país, incluindo o setor agrícola, e, de acordo com um plano nacional democrático, atender às demandas do povo venezuelano.

Por isso, a discussão ter que ir além da mera re-eleição

presidencial. A classe trabalhadora tem que assumir o poder do Estado, controlar as fábricas, o setor agrícola e os bancos. Para isso, a expropriação dos meios de produção é a tarefa a ser realizada, e que deve ser impulsionada pela organização sindical, pela União Nacional dos Trabalhadores (UNT).

Não obstante, sabemos que a contrarrevolução está tentando ganhar a uma parte dos generais no exército. Há que lutar contra os embriões fascistas na Forças Armadas. Deve ser criado os Comitês de Soldados, com direito a eleger seus comandos, assim como deveria ser reconhecido o legítimo direito dos soldados de se unir ao PSUV. Se a esquerda não os politiza, não tenhamos dúvida de que a direita o fará. Não se pode perder tempo. A oposição está criando, financiando e organizando as bandas fascistas como já tem feito na Bolívia. O assassinato dos dirigentes operários em Aragua é

uma séria advertência a todo o movimento operário.

Por tudo isso é que, para avançar rumo ao socialismo, é necessária a organização da classe trabalhadora, e nesse momento, utilizar a campanha do referendo da re-eleição como um instrumento para avan-

“Mais do que nunca é necessário que os operários, a juventude revolucionária, os camponeses e os dirigentes populares - forças vivas da sociedade - adotem um programa marxista (...)”

uma séria advertência a todo o movimento operário.

Por tudo isso é que, para avançar rumo ao socialismo, é necessária a organização da classe trabalhadora, e nesse momento, utilizar a campanha do referendo da re-eleição como um instrumento para avan-

çar na construção da economia planificada, com as expropriações sob o controle dos trabalhadores, determinando o rumo do processo revolucionário venezuelano.

Bombaim, terror e Imperialismo

A cidade de Bombaim recebeu no dia 26 de novembro do ano passado a visita inesperada de 10 homens armados com fuzis e granadas. Em um tour macabro por estações de trens, restaurantes e hotéis cinco estrelas, ceifaram 179 vidas e deixaram quase 300 feridos, até serem cercados e mortos por militares indianos.

O massacre foi o mais recente episódio de uma série de atentados que vem ocorrendo na Índia. Na mesma Bombaim, em 2003, artefatos explosivos deixaram um saldo de 48 mortos. Um número pequeno comparado às 200 vítimas fatais de 2006, ocasionadas por uma série de explosões nas linhas de trem.

Desde sua independência, a Índia sofre com a ação de fundamentalistas hindus, sikhs e cristãos. Mas as características do ataque a Bombaim apontam para a ação de grupos islâmicos, como o Lashkar-e-Taiba que luta pela independência da Caxemira, região disputada pela Índia e pelo Paquistão. O grupo nega a participação no atentado. Mas o único militante capturado vivo é paquistanês e há provas de que o ataque foi coordenado, via celular, por uma central baseada no país vizinho.

Se é difícil estabelecer a autoria do atentado, é mais fácil perceber seus beneficiários. Recentemente o Congresso

Nacional Indiano, partido que liderou a independência da Índia, retornou ao poder. Mas a crise mundial e o atentado traíram as expectativas da população quanto ao novo governo. Partidos de direita e grupos nacionalistas hindus se aproveitaram da situação e, de olho nas próximas eleições em maio, acusam o Congresso de incompetência no combate ao terrorismo islâmico. O governo procura uma saída diplomática, mas pressionado, eleva o tom contra o país vizinho. O primeiro-ministro indiano, Manmohan Singh, acusa a participação dos órgãos de inteligência do Paquistão no atentado.

O presidente paquistanês, Asif Ali Zardari, nega qualquer envolvimento do seu governo. É bem provável que fale a verdade. O Partido Popular do Paquistão (PPP), do qual faz parte, chegou ao poder nas eleições de fevereiro de 2008. Aliado da intervenção estadunidense no Afeganistão e dependente de empréstimos internacionais, o atual governo não estaria interessado em uma nova guerra contra a Índia.

Mas há um ator 'não-governamental' nessa rede de intrigas: trata-se da ISI, a agência de inteligência paquistanesa. Alternando curtos períodos democráticos com ditaduras militares, o país foi um terreno propício à formação de um verdadeiro 'Estado dentro do Estado'. A ISI é acusada de fomen-

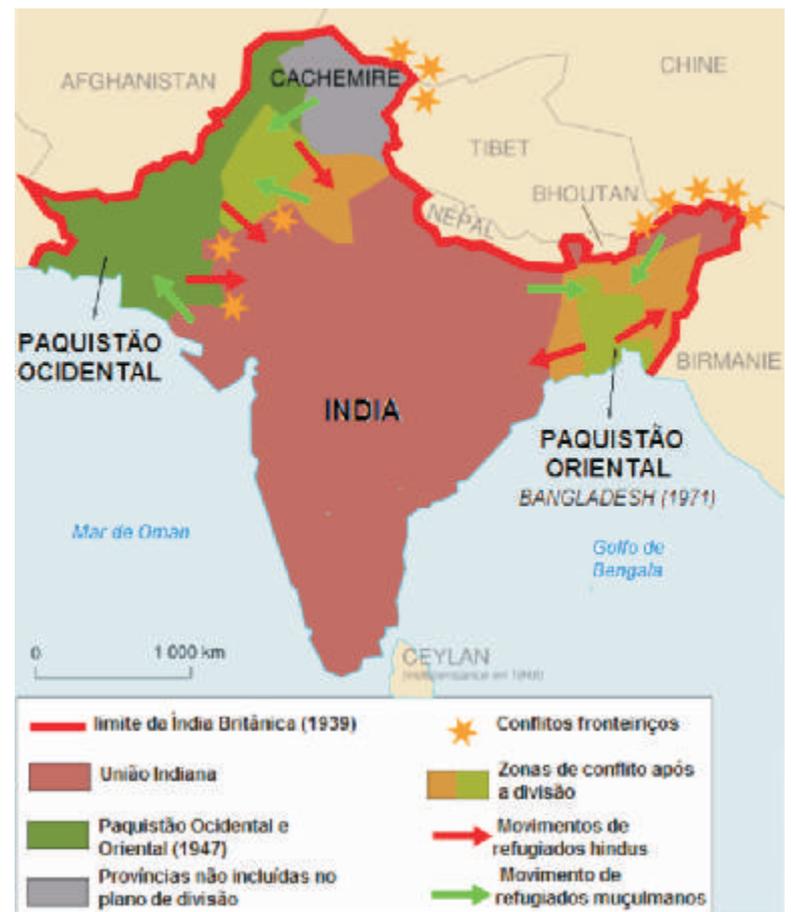
tar partidos fundamentalistas, de espionar políticos de esquerda, de articular golpes de estado e de participar do assassinato da ex-primeira ministra Benazir Bhutto em 2007.

É bem provável que grupos como o Lashkar-e-Taiba sejam financiados pela ISI, dedicada a enfraquecer a influência indiana na Caxemira. Há ligações da agência com os talibans e a Al Qaeda, no Afeganistão. Ações como as do massacre de Bombaim interessariam aos chefes da ISI por vários motivos: desestabilizariam o governo do PPP, considerado subserviente aos EUA; diminuiriam a pressão sobre os seus aliados talibans; e facilitariam seus obscuros negócios com o tráfico de armas e de heroína.

Assim, a tensão provocada pelo massacre de Bombaim beneficia apenas as forças contra-revolucionárias da extrema direita, dos fundamentalistas e de gangsters de todo tipo, dos dois lados da fronteira.

Os Estados Unidos e a Inglaterra correram a porpanos quentes na situação, mas não por interesse humanitário. Obama já anunciou que pretende ampliar a intervenção no Afeganistão, e por isso precisa mais do que nunca do apoio paquistanês, que não pode ter a atenção desviada por outra guerra.

Nesse jogo, o imperialismo se vê face a face com suas criaturas. O conflito entre o Paquistão e a Índia foi a herança deixada pela política do 'dividir para governar', aplicada pelo Império Britânico no início do século XX. Quando o Congresso Nacional Indiano, partido de Ghandi e Nehru, impulsionado por mobilizações de massas, deixou de ser confiável e passou a exigir a independência e a formação de um único Estado laico na região da Índia colonial, a



Mapa da divisão da região entre a Índia e o Paquistão

coroa britânica procurou dividir o movimento, fomentando um nacionalismo islâmico. Foi assim que, em 1932, surgiu a ideia de criar um Estado muçulmano, o Paquistão, com a separação das províncias de maioria islâmica. As sementes da discórdia estavam lançadas. Em 1947, a independência foi conquistada com a divisão da região em dois Estados, a Índia e Paquistão, atendendo aos interesses do imperialismo e das burguesias locais. A divisão desencadeou um terrível processo de limpeza étnica nos dois lados, com cerca de 500 mil mortos e 13 milhões de refugiados. De lá para cá, os dois países entraram em guerra três vezes e as fronteiras da Caxemira permanecem imprecisas. Se hoje a Índia acusa o Paquistão de apoiar grupos na Caxemira, por seu lado, ela apoiou o movimento separatista do Paquistão Oriental, que deu origem a Bangladesh em 1971. Ao invés de resolver o problema das 'minorias', a divisão criou dois Estados de maioria religiosa, o que elevou os níveis de violência confes-

nal.

O fundamentalismo afeição e o poder nefasto do serviço secreto paquistanês também foram obras do Imperialismo. As ligações da ISI com os talibans remontam à estreita colaboração dessa agência com a CIA, durante as ações de combate a presença soviética no Afeganistão nos anos 80. A CIA financiou a ISI para treinar e armar os grupos mujahedines e juntas realizaram operações de tráfico de armas e de heroína para custear o conflito.

Assim, o fundamentalismo e o Imperialismo fecham um círculo de sangue que não oferece nenhuma saída à população indiana e paquistanesa, e que acresce ao desemprego, à miséria e à opressão de casta os horrores dos massacres étnicos, das guerras e dos ataques terroristas, como o de Bombaim. Por isso a Tendência Marxista Internacional do Paquistão defende que única forma de resolver os problemas é uma revolução na Índia e no Paquistão e a criação de uma federação socialista em todo o subcontinente.



Veículo destruído durante o massacre

• REVOLUÇÃO PERMANENTE —

50 anos da Revolução Cubana

Em janeiro de 2009 completaram-se 50 anos da Revolução Cubana, prova inequívoca da valentia da população desta ilha. Contraditoriamente, o último país da América Latina a conquistar sua independência política foi o primeiro a eliminar a propriedade privada dos meios de produção em seu território.

A Revolução Cubana foi mais uma brilhante confirmação prática da Teoria da Revolução Permanente. A burguesia cubana já era incapaz de realizar um papel progressista. Os revolucionários cubanos, então, realizaram as tarefas da revolução democrática burguesa sem a burguesia, e foram obrigados a ultrapassá-las, enveredando no programa socialista.

É um equívoco pensar que a guerrilha foi o único elemento da Revolução Cubana. De fato, ela assumiu a direção do movimento, mas só a sua atuação não explica a Revolução, que teve como protagonistas a classe trabalhadora, os pobres urbanos, os estudantes e os trabalhadores rurais.

Na década de 1930, 16,4% da população eram formados por trabalhadores urbanos, 57% dos cubanos viviam nas cidades, e Havana era uma das principais metrópoles da América Latina. Na década de 1940 o Partido Comunista Cubano (PCC) chegou a ter 80.000 militantes, em uma população de seis milhões. Apesar disso, o PCC não foi capaz de jogar um papel progressista nos movimentos grevistas de 1933 que derrubaram a Ditadura de Machado. Neste momento o PCC adotava a política de conciliação de classes ditada pela Internacional Comunista, já completamente estalinizada, chegando a participar do “Governo dos 100 dias” - formado após a queda de Machado - e do qual fazia parte o

futuro ditador Fulgêncio Batista.

Durante a Ditadura de Batista, em 26 de julho de 1953, acontece o mal sucedido assalto ao Quartel Moncada. Apesar do fracasso da ação, revela-se a brutalidade da ditadura, o que serviu para pôr em movimento os estudantes e trabalhadores da ilha unidos numa só luta. Serviu também para dar relevo à figura de Fidel Castro que, exilado no México, passa a preparar o retorno à ilha organizando o 'Movimento 26 de Julho'. Em dois de dezembro de 1955 o grupo de Fidel desembarca em Cuba. Muitos são assassinados, mas a guerrilha sobrevive.

No período de 1955 a 58, a guerrilha se fortalece a ponto de estar em condições de tomar o poder. Ante a iminente derrota, a burguesia tenta uma última manobra: estabelecer um regime militar sem Batista. Consciente do perigo, Fidel Castro responde com um chamado a greve geral, que dura quatro dias, do dia 1º a 4 de janeiro de 1959. No dia 2, Che Guevara e Camilo Cienfuegos entram em Havana e Fidel chega à capital no dia 8 de Janeiro.

Em seu início a revolução possuía um programa democrático avançado, de libertação nacional e reforma agrária. Enquanto não possuía um caráter socialista, a Revolução contou com a “ajuda” de diversos capitalistas “progressistas”. Mas com o seu avanço, ficou evidente que não era possível atender as demandas da população sem atacar a propriedade dos capitalistas que, de “progressistas”, passaram a sabotar a revolução. Tudo isso obrigou a radicalização do movimento.

No final de 1959, Che Guevara é nomeado presidente do Instituto Nacional da Reforma Agrária e do Banco Nacional, um sinal inequívoco do giro à esquerda. Em 1960,

começam a ser decretadas as nacionalizações das empresas estrangeiras, dos bancos e de todo o setor açucareiro. A invasão imperialista da Praia de Girón, em abril de 1961 (Kennedy já era o presidente), galvanizou definitivamente o processo. O governo revolucionário armou efetivamente as massas. Foi neste momento que Fidel proclamou o caráter socialista da Revolução. A nacionalização e a planificação econômica permitiram avanços sociais espetaculares e consolidou ainda mais o apoio à Revolução.

Com o rompimento com o capitalismo foi inevitável a aproximação com a União Soviética. O comércio entre os dois países era feito em condições favoráveis para Cuba, o que permitiu o desenvolvimento da ilha. Porém, a política de “coexistência pacífica” ditada por Moscou restringiu a luta pelo socialismo à ilha. Era um obstáculo intransponível para os revolucionários internacionalistas de Cuba, como Che Guevara, que deixa a ilha e passa a lutar em outros países.

Infelizmente o êxito da guerrilha cubana levou a conclusões erradas uma geração inteira de revolucionários, que pagaram com suas vidas ao transpor mecanicamente a experiência cubana a outros países, um deles o próprio Che Guevara. Cabe enfatizar que os métodos da guerrilha não são os métodos revolucionários da classe trabalhadora, como as greves gerais, manifestações

de massas e ocupações de fábricas.

Com a queda da URSS, no final da década de 1980, Cuba passou por um momento muitíssimo delicado. Enquanto na URSS os burocratas tornavam-se os novos capitalistas, mediante o roubo e o espólio da propriedade estatal, em Cuba a revolução resistiu e rejeitou o capitalismo, mesmo submetida a um pavoroso bloqueio econômico estabelecido pelos EUA.

Hoje a Revolução Cubana encontra-se ante o dilema de defender suas conquistas ou ceder às pressões externas e caminhar em direção à economia de mercado. O próprio Fidel, em 2005, alertou sobre o perigo interno: a Revolução poderia ser derrotada desde dentro, e assinalou como problemas centrais a burocracia, a corrupção e os novos ricos.

Especula-se muito sobre qual caminho a ilha tomará sob a direção do “pragmático”



Raúl Castro. Mas é pouco provável que os cubanos abram mão facilmente dos avanços da Revolução, como educação e saúde gratuitas; taxa de alfabetização de 99,8%; expectativa de vida de 77,7 anos; taxa de mortalidade infantil de apenas 5,93 em mil nascimentos; 5,91 médicos por mil habitantes, a segunda melhor taxa do mundo.

E vale ressaltar os indícios do rearmamento ideológico da Revolução Cubana. Em Outubro de 2007, no 90º aniversário da Revolução Russa, reuniram-se 500 jovens para discutir a herança silenciada da Revolução Russa, inclusive a de Trotski. Foi importante também, a grande audiência da apresentação por parte da Fundación Federico Engels de A Revolução Traída, de Leon Trotski, na Feira do Livro de Havana.

**Viva a Revolução Cubana!
Viva a Revolução
Mundial Socialista!**